

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

HELENA FELISARDO MARTINS

A CONTRIBUIÇÃO DE RUBEM ALVES PARA O ENSINO RELIGIOSO:  
UMA REFLEXÃO INICIAL

Faculdade Unida de Vitória

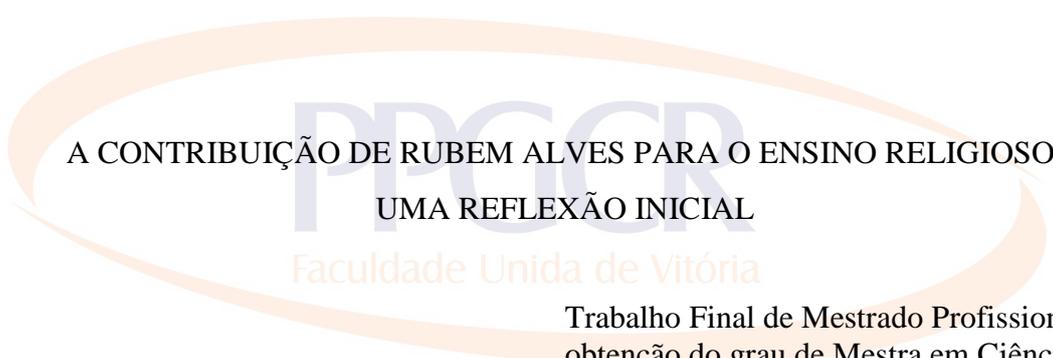
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 18/11/2016.

Vitória-ES

2016

HELENA FELISARDO MARTINS

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 18/11/2016.



A CONTRIBUIÇÃO DE RUBEM ALVES PARA O ENSINO RELIGIOSO:  
UMA REFLEXÃO INICIAL

Faculdade Unida de Vitória

Trabalho Final de Mestrado Profissional para  
obtenção do grau de Mestra em Ciências das  
Religiões. Faculdade Unida de Vitória.  
Programa de Pós-Graduação.  
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso  
Religioso.

Orientador: Dr. Nelson Kilpp

Vitória-ES

2016

Martins, Helena Felisardo

A contribuição de Rubem Alves para o ensino religioso / Uma reflexão inicial / Helena Felisardo Martins. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

viii, 85 f. ; 31 cm.

Orientador: Nelson Kilpp

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

Referências bibliográficas: f. 83-85

1. Ciências das religiões. 2. Discurso religioso. 3. Linguagem e religião. 4. Rubem Alves. 5. Ensino religioso. 6. Adolescentes. 7. - Tese. I. Helena Felisardo Martins. II. Faculdade Unida de Vitória, 2016. III. Título.

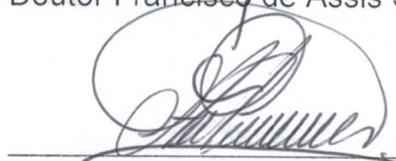
HELENA FELISARDO MARTINS

A CONTRIBUIÇÃO DE RUBEM ALVES PARA O ENSINO RELIGIOSO: UMA  
REFLEXÃO INICIAL

Dissertação para obtenção do grau  
de Mestre em Ciências das  
Religiões no Programa de Mestrado  
Profissional em Ciências das  
Religiões da Faculdade Unida de  
Vitória.

  
\_\_\_\_\_  
Doutor Nelson Kilpp – UNIDA (presidente)

  
\_\_\_\_\_  
Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA

  
\_\_\_\_\_  
Doutor Antônio Vidal Nunes – UFES

## AGRADECIMENTO

Nesta oportunidade, eu desejo agradecer a todos que de uma forma amigável souberam entender e valorizar este meu caminho.

Agradeço ao professor Antônio Vidal Nunes pelo incentivo, ao meu orientador Nelson Kilpp pela constante dedicação e ao Rubem Alves por ter despertado o meu interesse para a realização deste trabalho.





É preciso que o amor trabalhe sobre o espaço vazio. A folha de papel em branco, para o poema. O silêncio, para a música. O tear sem nada, para o pano. Nesses vazios o amor vai transfigurando o mundo, para que haja sorrisos...

Rubem Alves

## RESUMO

Uma contribuição de Rubem Alves para os professores de Ensino Religioso que lecionam para os adolescentes matriculados nas escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim (ES). Inicialmente, a linguagem religiosa é conceituada e caracterizada. Em seguida, a importância do Ensino Fundamental é resgatada. Num segundo momento, a biografia e algumas obras do teólogo são apresentadas e trazem uma visão antropológica da religião. A preocupação com os oprimidos do mundo é o centro do trabalho reflexivo desenvolvido por esse teólogo. Ele se esforça também para mostrar a importância da imaginação, dos sonhos, da valorização do corpo como agente responsável por mediar nossas relações com os outros, com a natureza e com as dádivas que são oferecidas durante a vida. No terceiro momento, o Ensino Religioso é colocado para dialogar com essa teologia. Há afinidades: a primeira delas está relacionada com a concepção de se estudar a religião a partir das construções sociais e históricas realizadas pela humanidade. A luta por liberdade de consciência, justiça social, superação de preconceitos funcionam assim como pontos de intercessão entre ambos. A teologia focalizada utiliza-se da beleza estética da linguagem poética para se expressar. Esse dado é interpretado como algo positivo para o processo de humanização, porque leva à educação das sensibilidades e funciona como um diferencial que pode cooperar para uma boa aceitação da mesma diante do público que se deseja alcançar.

Palavras-chave: linguagem, religião, Rubem Alves, Ensino Religioso, adolescentes.



PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

## ABSTRACT

A Rubem Alves contribution to the religious education of teachers who teach adolescents enrolled in public schools in Itapemirim (ES). Initially, the religious language is conceptualized and characterized. Then the importance of primary education is rescued. Secondly, the biography and some works of the theologian are presented and bring an anthropological view of religion. The concern for the oppressed of the world is the center of the reflective work done by this theologian. He also tries to show the importance of imagination, dreams, body appreciation of as an agent responsible for mediating our relationship with others, with nature and with the gifts that are offered in life. In the third chapter, Religious Education is placed to engage with this theology. There are similarities: the first one is related to the design of studying religion from the social and historical buildings made by mankind. The struggle for freedom of conscience, social justice, overcoming prejudices work as well as points of intersection between them. Focused theology uses the aesthetic beauty of poetic language to express themselves. This data is interpreted as something positive to take the education of sensibilities through art and works as a differential that can cooperate to a good acceptance thereof before the public to be reached.

**Keywords:** language, religion, Rubem Alves, Religious Education, adolescents.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 OS CAMINHOS DA LINGUAGEM.....	11
1.1 Em busca de uma definição de linguagem .....	11
1.2 A linguagem religiosa.....	19
1.3 O Ensino Fundamental .....	29
2 A TEOLOGIA DE RUBEM ALVES.....	33
2.1 A importância do contexto histórico .....	33
2.2 Sínteses de suas obras teológicas mais relevantes.....	39
2.2.1 Da Esperança .....	41
2.2.2 O enigma da religião.....	44
2.2.3 O suspiro dos oprimidos .....	49
2.2.4 Pai Nosso .....	49
2.2.5 Transparências da eternidade.....	52
3 O ENSINO RELIGIOSO E A TEOLOGIA ALVESIANA .....	56
3.1 O Ensino Religioso em foco.....	56
3.2 O Ensino Religioso no Brasil a partir das Constituições.....	58
3.2.1 A Constituição de 1824 .....	58
3.2.2 A Constituição de 1891 .....	59
3.2.3 A Constituição de 1934 .....	61
3.2.4 A Constituição de 1937 .....	62
3.2.5 A Constituição de 1946 .....	62
3.2.6 A Constituição de 1967 .....	63
3.2.7 A Constituição de 1988 .....	64
3.3 O Ensino Religioso e a teologia alvesiana .....	65
3.3.1 Da teoria à prática na sala de aula .....	67
3.3.2 Uma posição de vanguarda.....	77
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIA .....	83

## INTRODUÇÃO

Entende-se a educação pública como o mecanismo ideal para se levar conhecimentos e oportunidades de crescimento intelectual e pessoal, principalmente, para aqueles que mais sofrem com as injustiças sociais. No caso do Brasil, esse direito é garantido por lei, mas, na prática, há um grande distanciamento entre o que está previsto e o que a população recebe. Esforços têm sido feitos para melhorar essa situação. Este trabalho pretende funcionar como uma dessas iniciativas de se desenvolver ações urgentes e viáveis para que um dos componentes curriculares mais polêmicos da educação brasileira – o Ensino Religioso possa sobreviver como uma área de conhecimento que precisa ser mais compreendida e explorada.

Convém que se lembre de que o Ensino Fundamental deve se esforçar para proporcionar aos estudantes um ambiente que esteja em intensa conversação e atualização com as transformações que ocorrem no espaço e no tempo em que se apresentam; que se preocupe em fazer com que eles conheçam e aprendam os elementos que formam a cultura – condição para que eles os respeitem e valorizem. Os alunos também devem estar cientes de que esse trajeto que leva à aquisição de conhecimentos é longo e acontece enquanto cada indivíduo escreve a sua própria história. Fazer com que professores e alunos percebam esses preceitos é essencial para o sucesso de todo o processo em andamento. Por isso, deve-se investir numa educação que prepare as pessoas para o grande desafio que é viver e conviver.

Questionar e revisar a posição que está reservada aos adolescentes que preenchem as escolas devem ser ações permanentes, porque a educação deve se assumir como linha de frente da batalha contra quaisquer tipos de injustiças e exclusões sociais. A construção da cidadania não é um alvo a ser desenvolvido sem data e hora precisas, mas sim, uma urgência da vida real que se mostra e se constrói todos os dias com seus conflitos e prazeres. Posto isso, convém que se siga em diante.

A proposta é que durante as aulas de Ensino Religioso exista a manutenção de uma espécie de bolsa de dados sempre atualizados que esteja em franca sintonia com os conteúdos e objetivos previstos nos referenciais dessa disciplina. Esse material fará com que os docentes estejam sempre manipulando, da melhor maneira possível, os seus planejamentos a fim de cumpri-los com mais segurança e entusiasmo.

Com esse pensamento buscou-se por recursos humanos e literários que pudessem servir de modelo para o recebimento dessas colaborações. Dessa forma, encontrou-se a figura de Rubem Alves ao percorrer criteriosamente parte de sua bibliografia e perceber que nela há algo bastante diferenciado, fruto de sua ousadia e de sua preocupação com a vida e a libertação do ser humano - ingredientes muito importantes para o desenvolvimento integral do ser humano. Em sua bagagem, há trabalhos envolvendo teologia, filosofia e educação. Todos colocados de uma forma inteligente, bem elaborada, provocativa. Características que preencheram de imediato o ideal norteador que se buscava para atingir as metas estabelecidas para a concretização deste trabalho.

Essa contribuição procura ser pertinente na medida em que traz como objetivo pensar o espaço escolar como um local de descobertas e aprendizados que precisam ir muito além dos limites que cercam as salas de aula. Ideia que pretende mobilizar os professores para levá-los a conhecer, valorizar e/ou recuperar o senso crítico quanto ao poder da linguagem que deva ser aplicada ao Ensino Religioso para que as conquistas em relação à permanência e pretensões traçadas para ele não se percam.

Parte da base do referencial teórico que caberá à análise do discurso será construída a partir de Mikhail Bakhtin e Eni Orlandi. O recorte destinado ao Ensino Religioso contará, principalmente, com o auxílio das obras de Valmor da Silva e Décio João Passos, além de outras obras que cooperarão para satisfazer as intenções previstas.

O roteiro a ser seguido buscará primeiro uma definição de linguagem religiosa e o resgate da importância do Ensino Fundamental. No segundo momento, a biografia e os critérios utilizados para a seleção das obras teológicas serão expostos e, em seguida, uma síntese de cada uma delas será realizada. Para finalizar, haverá uma articulação entre os conteúdos referentes ao Ensino Religioso e a teologia alvesiana – atividade que fará com que se observe, até que ponto, esse diálogo poderá servir para enriquecer as práticas pedagógicas dos docentes desse componente curricular.

Este convite à reflexão vai também ao encontro de todos aqueles que se interessam pela educação e que procuram entender e valorizar o fenômeno religioso como algo indestrutível e necessário da natureza do ser humano.

## 1 OS CAMINHOS DA LINGUAGEM

Pretende-se, neste primeiro momento, mostrar o papel importante que a linguagem sempre ocupou na vida do ser humano e o processo pelo qual a comunicação entre as pessoas realmente se efetiva. A seção inicial se comprometerá em buscar uma definição para a linguagem e revelar a utilização da mesma como ferramenta de necessidade e poder nos vários segmentos habitados pelos seres humanos. Com essa intenção, o conceito de alienação e suas respectivas classificações serão conhecidos e o significado de linguagem religiosa será explorado. A outra seção se encarregará de citar as principais circunstâncias responsáveis pelo comportamento assumido por essa linguagem nos últimos tempos e quais seus possíveis desdobramentos na pós-modernidade.

### 1.1 Em busca de uma definição de linguagem

Para o estudo que se faz, a concepção de linguagem será tratada a partir da perspectiva de algo que é produzido enquanto o ser social se desenvolve e dialoga com o seu mundo. Ao pensá-la, ‘não consideramos nem a linguagem com um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem.’<sup>1</sup> A sua função referencial ocupa, na linguística clássica, uma posição de destaque ao ser o centro das atenções e o ato comunicativo era entendido ao se valorizar seu caráter informativo. Porém, a linguagem tem o poder de exercer várias outras funções no meio onde os indivíduos se relacionam. Essa necessidade de expandir as ideias em diferentes contextos permite-lhe romper os limites que a prendiam apenas na função denotativa, no seu trabalho de apenas passar informações, comunicar.

No entanto, na análise do discurso, novas funções alargam as significações que as palavras possam ter. A linguagem nessa altura, ‘não é vista apenas como suporte do pensamento, nem somente como instrumento de comunicação e a definição de linguagem como trabalho desloca percursos: se faz um percurso que não passa só pelo psíquico ou pelo social estritamente, mas também, pelo domínio da ideologia.’<sup>2</sup>

Tanto o emissor quanto o receptor não se encontram passivos no processo comunicativo. Para cada um deles é destinado um lugar na sociedade para que se posicionem como sujeitos quando inseridos num dado contexto. O aspecto relacional que une a linguagem ao ambiente onde ela se materializa é uma forma prévia de se preparar o

<sup>1</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 6. ed. São Paulo; Campinas, SP: Editora da Universidade estadual de Campinas, 2001, p. 16-17.

<sup>2</sup> ORLANDI, 2001, p. 18.

sujeito para que ele tenha maiores chances de obter êxito na sua ação. Dessa forma e dentro dessa realidade, percebe-se que quem pratica uma ação que envolve a utilização da linguagem, não se encontra só. Está incluso num jogo em que sua realidade social será exposta através da linguagem que será empregada para marcar seu território. Percebido esse processo todo, compreende-se que

o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela, está refletido o modo como o sujeito o fez. O sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes.<sup>3</sup>

Na prática, o discurso nasce do encontro entre duas vias: a paráfrase e a polissemia. Junto do fator polissêmico de cada vocábulo existe a possibilidade da geração de inúmeros sentidos e nesse movimento de novas formas de se expressar é que a linguagem se mostra. Ela é que permite que o sentido único de cada palavra se rompa e passe a aceitar outras traduções, outros significados. É ampliada a visão de texto e a definição do mesmo ganha outras dimensões além da informação que ele proporciona. Fica evidente a noção de que o texto possui a capacidade de crescer em várias direções. Visto isso, suas peças representam e exemplificam seu poder polissêmico. Ao se afirmar essa sua característica, ‘a linguagem se mostra em sua ambiguidade: ou como instauradora (imitadora) de mundo, tendendo para a arte, ou como desveladora de mundo, como ponta de lança do saber, tendendo para a ciência’<sup>4</sup>.

Perante o que foi explicitado, o conceito de alienação proporcionado pela utilização da linguagem entra em cena, inicialmente, na esfera relacionada ao agrupamento de estratégias que dão origem aos acordos que se firmam a partir da renúncia de certas aspirações pessoais em troca da formulação de benefícios a uma coletividade, fazendo com que o convívio social se torne algo menos conflitante, já que cada ser traz dentro de si uma gama de intenções e projetos, às vezes, de difícil aceitação. Nesse sentido, o termo alienação refere-se ao papel que o ser humano desempenha ao romper, numa certa medida, com seus interesses mais particulares para se situar numa determinada sociedade que o controla através de cláusulas contidas num estatuto que ele mesmo ajudou a legitimar. Assim:

Nesse contexto, a alienação é um processo de natureza jurídica. O seu uso, na teoria social, deriva-se do seu uso no contexto das transações comerciais. Aqui

<sup>3</sup> ORLANDI, 2001, p. 19.

<sup>4</sup> ORLANDI, 2001, p. 15.

alienação significa abandono voluntário de propriedade e transferência dela a outra pessoa. Referimo-nos, por exemplo, à alienação de bens. O que é alienar um bem? É abdicar de sua posse em favor do outro de maneira semelhante, o indivíduo isolado abandona aquilo que lhe pertencia de direito, ou seja, sua vontade e interesses particulares, em favor de uma vontade coletiva, pois somente através deste ato se instaura a ordem.<sup>5</sup>

Em outra leitura, alienação assume uma nova concepção. Trata-se, aqui, do nome da condição emocional experimentada por aquele que não consegue interagir na sociedade por ter dificuldade de se perceber e se adaptar ao real diante daquilo que sente e que seus desejos ditam. Outra forma também é percebida em discursos que evidenciam emoções sentidas por alguém ou por alguma categoria de indivíduos que busca satisfazer suas necessidades diante daquilo que lhes é imposto socialmente. Com essa conceituação, confirma-se que

O programa da ciência ocidental é a liquidação da alienação. Ela deseja instaurar um método que elimine totalmente a interferência de fatores subjetivos no processo de conhecimento – que o sujeito se cale para que o objeto fale; que a imaginação seja subordinada à observação. O ideal de objetividade, de conhecimento desinteressado e de liberdade face a valores (value-freedom) são expressões deste programa. A neurose deve ser conquistada pela ‘educação para a realidade’ (Freud), a ideologia deve ceder lugar à ciência.<sup>6</sup>

O último sinônimo que restou é o que será mais explorado no estudo, que agora acontece, pois remete àquela modalidade de alienação que se insere diante da impotência do ser humano frente àquelas questões, que de alguma forma e com tanta intensidade, atingem o lado sentimental do ser humano, fazendo-o buscar algum tipo de proteção e/ou explicação que justifiquem tais ocorrências com o intuito de suportar tais cargas excessivas de sofrimento. Portanto...

Alienação significa, aqui, o caráter ameaçador da realidade externa, tanto de indivíduos quanto de estruturas; significa o movimento de recolhimento subjetivo; significa a artificialidade das regras de operação efetiva pelas quais nos comportamos socialmente. Significa, em última análise, o esfacelamento e a fragmentação da experiência humana, dividida entre uma identidade reprimida e uma funcionalidade<sup>7</sup>

Na situação onde se encontra um ser oprimido, nasce uma projeção que parte do desejo para tentar resolver o dilema que, instalado no tempo presente, procura uma solução para que esse indivíduo se liberte do martírio que o consome. O inconsciente como potência subversiva ocupa seu espaço. A alienação, nesse sentido, ocorre quando, em crise, o oprimido projeta a transformação que pode levar à superação do problema enfrentado.

<sup>5</sup> ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 31-32.

<sup>6</sup> ALVES, 2003, p. 32-33.

<sup>7</sup> ALVES, 2003, p. 33.

Com essa intenção, a atitude alienante praticada pela consciência que sofre, torna-se um mecanismo desenvolvido por essa própria consciência para se recuperar do estágio conflituoso em que se achava envolvida. Nesse caso,

A religião é sempre uma expressão de alienação, o ‘suspiro da criatura oprimida’, um ‘protesto contra o sofrimento real’. No paraíso e na cidade santa não existem templos: a religião só pode existir para o homem que perdeu o paraíso, o homem que não entrou na cidade santa... Considerada sob este prisma, a consciência religiosa contém sempre, ainda que de forma reprimida e inconsciente, um projeto de natureza política. A consciência que suspira em decorrência da opressão que protesta contra o sofrimento, se projeta idealmente para a superação de tais condições.<sup>8</sup>

O que se percebe mais claramente, agora, é que o ser social é um produto fabricado pela sociedade que o acolhe e a linguagem por ela utilizada é o resultado de uma sistematização, uma organização proveniente da própria maneira de pensar e falar do mundo que foi sendo assumida por esse grupo social que cada indivíduo se percebe incluso. Baseando-se nesses dados,

a linguagem sugere ainda mais: que os valores que ela contém são compartilháveis, comunicáveis, sociais. O próprio ato de pronunciar a palavra implica que ela não pode permanecer com aquele que a pronunciou. Alguém mais a entende. Na realidade, o ato de pessoas falarem e entenderem uma linguagem comum indica que participam de uma mesma estrutura de valores. São os valores que tornam a comunicação possível, pois, são eles que dão significação às palavras.<sup>9</sup>

O fato de as pessoas trocarem informações simplesmente não garante que uma comunicação tenha sido efetivada, mas sim, o encontro de interesses comuns às partes participantes do evento comunicativo que se ativou é que fará com que os sujeitos se sintam pertencentes a uma mesma comunidade; porque os valores, as afinidades é que regem e limitam esse tipo de organização.<sup>10</sup> Mas, como essa equação linguística se opera? O que permite o sucesso desse exercício que coloca os pensamentos em evidência num discurso que tem como meta satisfazer, por meio do ato comunicativo acionado, as necessidades reais de seus personagens?

Respondendo à indagação formulada acima, vale lembrar e acrescentar que essa forma, indiscutivelmente, especializada de comunicação se mostra naquilo que é exposto via palavras numa diversidade que corresponde proporcionalmente à variedade de emoções, ações e formatos de registrar uma infinidade de manifestações que os seres humanos fabricam em suas rotinas diárias. Assim, ao considerá-la em sua utilização e

<sup>8</sup> ALVES, 2003, p. 34.

<sup>9</sup> ALVES, 2003, p. 29.

<sup>10</sup> ALVES, 2003, p. 29-30.

funcionalidade, há necessidade de haver uma relação existente entre a linguagem como expressão e alguém que queira utilizá-la, pois ela é instrumento de exteriorização psíquica, ou seja, ela é fruto da própria carência de expansão de ideias, sentimentos, emoções vivenciadas e registradas pelos indivíduos.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e [...] todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra.<sup>11</sup>

Como comunicação, a linguagem deixa acontecer a simbiose de pensamentos, de informações, dá margem para a troca de sentimentos e uma variedade de emoções que são contabilizadas e armazenadas pelos participantes dessas práticas comunicativas que se colocam em atividade. Como peça que se manifesta em diferentes ambientes e situações. Ela é um elo que liga diferentes pessoas em departamentos sociais bem distintos, possibilitando os intercâmbios culturais que se mostram em pleno desenvolvimento durante as trocas de experiências nos inúmeros contextos inseridos nessas relações que se apresentam enquanto o processo do uso da linguagem acontece.

Observa-se que se deslocando do pensamento, a linguagem se expõe e seus signos convencionais se materializam mediante o uso da oralidade e da escrita e de outros códigos que tragam algum significado ao exercício linguístico experimentado. Nos incontáveis instantes e situações dos dias que se seguem, as linguagens verbal e não verbal vão se completando para expressar a multiplicidade de intenções e práticas que os seres humanos de diferentes classes sociais desejam ou são obrigados a concretizar para a resolução de seus mais variados problemas, alargando-se pelo campo profissional e demais áreas que exijam dele uma ação comunicativa eficaz. Porém:

A condição da linguagem é a sua incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos; já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.<sup>12</sup>

A linguagem sempre funcionou como o canal que leva as pessoas a se comunicar, a trocar experiências de inúmeras formas umas com as outras numa atmosfera de reciprocidade. Sua meta é ativar a permuta de conhecimentos e sentimentos capazes de produzir nas partes envolvidas algo que se alimente de tudo que a humanidade produz e

<sup>11</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995, p. 32.

<sup>12</sup> ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 52.

tenta materializar, de alguma forma, gerando as múltiplas representações culturais com todos os seus mananciais que vão se fabricando enquanto os relacionamentos se efetivam em diferentes cenários e situações cotidianas.

Nota-se que na imprensa, num simples diálogo ou na internet - tudo gira em torno da informação, justamente porque se vive em franca época informativa. Fato comprovado rapidamente ao se adentrar, nos períodos históricos já atravessados, e perceber que, na época da colonização, por exemplo, a terra era a riqueza em potencial, a moeda forte que os senhores feudais usavam para demonstrar poderio e riqueza, enquanto que, na atualidade, quem detém o maior número de informações é quem possui maiores oportunidades de se realizar integralmente no mundo. Todo esse processo parte da ideia de que: ‘A consciência individual é um fato socioideológico.’<sup>13</sup>

E, em pleno século XXI, o que se vê é que há uma *overdose* de informações saindo e chegando às residências através da grande rede, tevê, celulares... Porém, vale perguntar: será que a humanidade evoluiu através de todos esses aparatos tecnológicos que aumentaram seu poder de comunicação, que diminuíram distâncias geograficamente imensas entre os indivíduos, que, com uma rapidez sem precedente, fizeram com que os canais comunicativos fossem cada vez mais velozes?

O que se percebe é que a atual sociedade mundial atravessa sérias dificuldades de se situar e captar referências capazes de satisfazer suas carências internas, pois esses avanços não acompanharam os de naturezas éticas e morais, entretanto, introduzida nesse descompasso, a linguagem poderá funcionar como contribuição valiosa às novas lutas a favor daqueles que precisam se encontrar ou que são marginalizados socialmente. Essa ferramenta,

A linguagem e com ela a consciência, nasceu assim, de uma exigência prática: da luta pela sobrevivência, da necessidade de preservar e de socializar as experiências bem sucedidas. Mesmo as formulações mais abstratas e aparentemente divorciadas de qualquer motivo prático foram, de uma forma outra, motivadas e provocadas por necessidades concretas<sup>14</sup>.

O caso é que a vida e a história se movimentam e a linguagem acompanha esse fluxo de alguma maneira. É preciso estar atento e aberto para enxergar seu poder de transformação localizado estrategicamente em seus centros de emancipação e reconhecer também que os sons e os símbolos são colocados juntos de acordo com as regras pré-estabelecidas por cada sociedade que os legitimam, num certo tipo de acordo linguístico,

<sup>13</sup> BAKHTIN, 1995, p. 18.

<sup>14</sup> ALVES, 2003, p. 16.

mas cada linguagem traz determinada carga pessoal de quem a carrega, algo bem peculiar que cada interlocutor, cada emissor coloca de si no instante exato em que se expressa. Por essas razões: “o sentido das partes é dado pelo todo. As partes adquirem o sentido que o todo lhes confere”.<sup>15</sup> Isso deixa transparente que o papel representado pela utilização da linguagem verbal é proporcionado por partes significativas que são as próprias palavras que se revestem de sentido para expressar algo que alcance um sentido específico quando inseridas numa determinada situação, sendo combinadas e coordenadas com outras proporcionando, conseqüentemente, certa unidade comunicativa que faça sentido para as partes que compõem o ato comunicativo. Em conformidade com essa ideia, Zabatiero escreveu que

[...] toda enunciação é parte do jogo social, das lutas e acordos que se realizam cotidianamente na vida humana. Dessa forma, a enunciação constrói a linguagem enquanto dialógica, a fala humana, os discursos se constituem essencialmente como diálogos interdiscursivos.<sup>16</sup>

Nessa relação de troca necessária de informações, os sujeitos se posicionam para “resolver” um problema que estará imerso numa situação social que exigirá, talvez, imediatamente uma resposta, uma solução que corresponda à expectativa da enunciação proposta, entendendo que essa “expectativa” possa ou não satisfazer os objetivos daqueles inseridos na ocorrência discursiva que estará sendo processada. Isso evidenciará que essa relação enunciativa pode tanto instaurar acordos ou gerar desacordos de âmbito social. Visto essa dinâmica vinculada aos procedimentos de enunciação, fica mais compreensível perceber que

O conceito bakhtiniano de enunciação, portanto, demanda que se compreendam os textos (ou discursos) como fios de uma rede intertextual e interdiscursiva que existe em sociedade. A posição do contexto define as suas possibilidades e sua localização nos embates sociais, o seu lugar na cultura.<sup>17</sup>

As pessoas com suas facilidades e dificuldades de convivências localizadas nos diferentes departamentos onde suas vidas sociais acontecem é que dão a real noção da importância da linguagem com toda a sua riqueza de significações, cooperando decisivamente para que a vida possa ser rica de sentidos que se derivam completamente de trocas que passaram a existir graças ao uso de alguma modalidade discursiva que só se realiza enquanto atitude de fundo puramente relacional. Para Alves,

<sup>15</sup> ALVES, 2003, p. 19-20.

<sup>16</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. Bíblia, Literatura e Linguagem. São Paulo: Paulus, 2011, p. 155.

<sup>17</sup> ZABATIERO, 2011, p. 155-156.

O fato é que a linguagem nem pode ser entendida como uma coletânea de instantâneos do mundo e nem como uma série de instantâneos da essência psicológica do homem. Ela reflete antes uma relação entre o homem e o mundo. E isto porque o mundo nunca é acessível ao homem a não ser como mundo-em-relação-mundo e o homem nunca é acessível a si mesmo. Como ser-no-meio-do-mundo, o homem apreende este mundo como um problema, uma mensagem, um desafio, mas nunca como uma simples imagem. É o homem que compreende e interpreta o mundo e por meio deste ato o constrói para si.<sup>18</sup>

Como indivíduos que vivem em constante contato com o mundo e seus “produtos”, as pessoas se reconhecem como integrantes de um relacionamento contínuo e ativo entre elas e esse mundo que provoca suas consciências sem cessar, obrigando-as a traçar seus próprios roteiros vivenciais mediante os desafios que vão se mostrando e que, simultaneamente, vão capacitando-as internamente. A linguagem é ratificada como a grande mediadora, a grande responsável por esse processo profundo e mil vezes revolucionário que possui a capacidade permanente de preparar a humanidade para o desenvolvimento de suas potencialidades nas diferentes circunstâncias ofertadas pelas necessidades que vão sendo colocadas enquanto se vive. É pela linguagem, enfim, que os seres humanos interagem com os demais, procuram expressar seus pensamentos, obter e dar informações, construir modelos de mundo, fabricar cultura e registrar algo que buscam na transcendência. Esses discursos pluriculturais emergem graças a essa experiência linguística ativada por cada indivíduo em incontáveis momentos de socialização. As escolhas realizadas não acontecem ao acaso, mesmo quando por força do possível automatismo da oralidade se efetivam, mas, no geral, são extraídas das circunstâncias sócio-ideológicas em que esse ato discursivo se desenvolveu.<sup>19</sup> Não se ignorando mais essa necessidade histórica, essa dependência explícita que o ser social tem em relação ao uso da linguagem, começa-se a entrar em outro campo onde a linguagem atua – o universo religioso com toda a sua grandeza de conceituações e leituras.

Sabia que a religião é uma linguagem?  
Um jeito de falar sobre o mundo...  
Em tudo, a presença da esperança e do sentido...  
Religião é tapeçaria que a esperança constrói com palavras  
E sobre estas redes as pessoas  
Um jeito de falar sobre o mundo...  
Em tudo, a presença da esperança e do sentido...  
Religião é tapeçaria se deitam.  
É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.  
Como é que as palavras se amarram?  
É simples.  
Com o desejo.

<sup>18</sup> ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1984. p. 64.

<sup>19</sup> GUSO-CHANOSK, Angela Maria; FINAU, Rossana Aparecida. *Língua Portuguesa: rumo ao letramento*. 2. ed. Curitiba: Base Editora, 2006. p. 6-7.

Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.  
 Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.  
 É tudo que se faz com as palavras e o desejo.  
 Por isso, para se entender a religião, é necessário entender o  
 Caminho da linguagem.<sup>20</sup>

O prosseguimento de nosso estudo partirá do entendimento dos setores que formam a vida de seres humanos que têm necessidades, desejos que talvez o mundo concreto não tenha condições de satisfazê-lo. Ele, ao suspeitar dessas limitações que o mundo material oferece, busca, de alguma forma, superar essa limitação e a linguagem religiosa se revela consciente ou inconsciente como saída.

## 1.2 A linguagem religiosa

O desafio de tentar compreender o poder concentrado no discurso religioso e suas consequências continua provocando nas ciências humanas uma inquietação que as impulsionam a tentar buscar na linguagem que a caracteriza e que se encontra totalmente diluída na história das civilizações, explicações convincentes sobre a sua origem e a sua relação com o que há na essência humana diante de um mundo que vive um frenético processo de transformação. Mas, do que trata a linguagem religiosa?

Quando entramos no mundo sagrado, entretanto, descobrimos que uma transformação se processou: agora a linguagem se refere a coisas invisíveis, coisas para além de nossos sentidos comuns, as quais, segundo a explicação, somente os olhos da fé podem contemplar. O zen-budismo chega mesmo a dizer que a experiência da iluminação religiosa, satori, é um terceiro olho que se abre para ver coisas que os outros dois não podiam ver.<sup>21</sup>

Trata-se de um mundo diferente que parece comunicar coisas que a linguagem não consegue dizer, não consegue nomear. Cada indivíduo tem sua experiência. Só há discursos. Somente por meio deles, temos acesso ao que supostamente aconteceu.

Poderia dizer-se que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. O ocidental moderno experimenta certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado: é-lhe difícil aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou em árvores, por exemplo... não se trata de uma veneração da pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, são-no justamente porque ‘mostram’

<sup>20</sup> ALVES, 2003, p. 05.

<sup>21</sup> ALVES, Rubem. *O que é religião?* 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 26-27.

qualquer coisa que já não é pedra nem árvore são hierofanias, porque ‘mostram’ qualquer coisa que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado, o ‘ganzandere.’<sup>22</sup>

Ao se procurar obter maiores informações sobre as primeiras práticas religiosas e suas origens, buscou-se trazer de tempos remotos o folclore dos povos europeus contendo suas peculiaridades envolvendo a maneira de viver a religiosidade. Esses camponeses demonstram uma cultura mais antiga comparada à da Grécia e passaram por mais de mil anos pelo processo de cristianização, conseguindo, mesmo assim, introduzir nessa herança uma parcela relevante da religiosidade anterior à era cristã. Nesse exemplo, as vivências religiosas desses camponeses europeus não absorveram a diminuição da influência das formas tradicionais do cristianismo que ocorreu nos centros urbanos. Tudo o que existia na vida daquele tipo de sociedade mantinha uma relação direta com o sobrenatural que era transmitido através da Igreja. Urbano Zilles<sup>23</sup> defende que a religião é um tipo de linguagem que se nutre desses reflexos deixados pelos principais eventos ocorridos no tempo em que a mesma tenta se expressar. Alves, nesse sentido, comentou sobre um novo período que se aproximava:

Mas alguma coisa ocorreu. Quebrou-se o encanto. O céu, morada de Deus e seus santos, ficou de repente vazio. Virgens não mais apareceram em grutas. Milagres se tornaram cada vez mais raros, e passaram a ocorrer sempre em lugares distantes com pessoas desconhecidas. A ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus não era necessário como hipótese de trabalho. Uma das marcas do saber científico é seu rigoroso ateísmo metodológico: um biólogo não invoca maus espíritos para explicar epidemias; nem um economista, os poderes do inferno para dar contas da inflação, da mesma forma que a astronomia moderna, distante de Kepler, não busca ouvir harmonias musicais divinas nas regularidades matemáticas dos astros.<sup>24</sup>

O desmoronamento do domínio teocêntrico dando, simultaneamente, a ordem de se preparar para novos rumos que seriam obtidos através das verdades e certezas que a ciência prometia mostrar para sufocar e implantar de vez “a morte de Deus” foi estruturando outro mundo para outro homem que estava ansioso para renascer com liberdade suficiente para aproveitar os prazeres que começavam a ser esboçados, não numa vida futura, mas naquela que já se mostrava ao alcance de suas mãos. Acompanhando essas ações que se mantinham em ritmo acelerado, a linguagem registrava e levava a refletir sobre as sociedades traduzindo seus anseios e conquistas.

Eis aqui o homem que crê dispor dos instrumentos para conhecer e o poder para realizar! Não importa que o edifício pronto, construído por Deus, tenha caído. A

<sup>22</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1999. p. 25.

<sup>23</sup> ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991. p. 11-13.

<sup>24</sup> ALVES, 2000, p. 09-10.

tarifa agora é construir a cidade dos homens. E da razão sairá não apenas a forma de nossa ordem, como também, a determinação para realizá-la. Nesta esperança se formou a Revolução Francesa para destruir os últimos resquícios de uma ordem velha e para inaugurar uma nova era.<sup>25</sup>

A imagem dada acima indica que daquela ordem medieval que parecia cristalizada, pouca coisa restou. Outros capítulos precisavam ser escritos com uma tinta que não poderia, de forma alguma, ser confundida com a cor do sangue derramado durante as inquisições. Em consequência disso e nesses termos: ‘O homem que um dia foi expulso do paraíso por comer da árvore da ciência do bem e do mal se vingava agora comendo da árvore do conhecimento do segredo do universo, e com isto expulsava Deus do universo que ele habitava’.<sup>26</sup>

Descartes assimilou e retratou com perspicácia as marcas incipientes dessas transformações acompanhadas pela história e a filosofia. Entretanto, quem é esse novo ser que acabava de nascer?

É um homem que experimenta uma hilariante sensação de liberdade e permissão. Se o universo não é mais parte de uma estrutura sagrada, se a Igreja não tem mais o direito de se proclamar guardião das estruturas de ordem hierárquica, o mundo deixa de ser tabu. Ele é profano. Nada há nele que impeça o exercício da liberdade humana para conhecê-lo e dominá-lo.<sup>27</sup>

Os anos foram se passando e o ser humano percebeu que despertava para uma realidade que muitos não desejavam enxergar. Alguma coisa não estava em seu lugar. Sentia-se certa “ausência” que os cientistas não conseguiam desvendar qual era e nem manipular em laboratório para que a mesma se revelasse. Um vazio cruelmente sentido reacendeu-se diante da frieza de um mundo que estava sendo comandado pela ciência – aquele mundo dirigido por homens que supunham possuir motivações e conhecimentos suficientes para aniquilar com a interferência de “alguma força” que parecia se ligar diretamente com o respirar humano e, Deus é invocado e reaparece, mas sua linguagem é bem outra e ele não consegue mais residir naqueles mesmos endereços e ocupar aqueles mesmos espaços de antes. Ele havia crescido e estava de volta, mesmo tendo permanecido longe e sem se alimentar da dependência das pessoas que eram subordinadas a ele. Kant é lembrado como o principal responsável por seu desaparecimento na obra *Crítica da razão pura*, sendo que é o mesmo que o traz de volta numa outra obra - *Crítica da razão prática*,

<sup>25</sup> ALVES, 1984, p. 70.

<sup>26</sup> ALVES, 1984, p. 67.

<sup>27</sup> ALVES, 1984, p. 64.

que contém um conteúdo que admite a necessidade da presença de Deus na subjetividade acolhida pela parte que cabe à razão dos seres humanos.<sup>28</sup>

A causa disso reside, por seu turno, no facto de termos agora a ver com uma vontade e de havermos de considerar a razão não em relação aos objectos, mas em relação a esta vontade e à sua causalidade, importa pois, começar pelos princípios da causalidade empiricamente incondicionada após o que se pode fazer a tentativa de estabelecer os nossos conceitos do princípio de determinação de uma tal vontade, da sua aplicação a objectos e, por fim, ao sujeito e à sua sensibilidade.<sup>29</sup>

Nos embates diários, nos instantes de indecisão, no desafio de romper os obstáculos que vão se apresentando à medida que se experimenta cada fase da vida, há a vontade, imensa vontade de contar com a presença próxima de Deus. Essa determinação por resolver algo, por conseguir alívio, aciona uma força que brota de uma vontade que se forma ao se admitir emocionalmente que Deus está conosco, que não se está sozinho para lutar e resolver questões de uma vida que se opera concretamente meio às ações que vão das mais simples às mais complexas que são colocadas para que se resolvam graças à pura vontade, à fé em ação, ingrediente que possibilita conquistas aparentemente difíceis para um ser humano desprovido de confiança no seu Deus.

Um ciclo histórico que se reconhece enraizado nesses pressupostos parece já contar com uma humanidade que tem sede de amadurecimento para compreender que,

O conhecimento de Deus, assim, não é algo que vai lado a lado com o conhecimento do mundo. Ao contrário. É uma experiência subjetiva. Uma nova maneira de o homem se entender a si mesmo. Uma nova experiência de liberdade: libertação do passado, liberdade para o futuro, liberdade para o amor. A linguagem sobre Deus não aponta para o 'objeto' que está lá fora, no mundo, mas para o próprio homem.<sup>30</sup>

Alves, apoiando-se, agora, em Bonhoeffer<sup>31</sup>, que foi um pensador com o qual esteve identificado a ponto de chamá-lo até de amigos em uma de suas crônicas, observa que enquanto era realizado o trânsito entre os valores propagados na era medieval e aqueles idealizados por Kant, o que se notava é que nem o mundo nem o homem residente neste e naquele mundo do passado, conseguiam sobreviver com aquele tipo de ausência, de lacuna aberta. Como tratar, então, desse renascimento de Deus num mundo que passou e passa por grandes abalos de burilamento que se manifestaram e manifestam em cadeia nos núcleos das sociedades que já existiram e daquelas que estavam prestes a existir?

<sup>28</sup> ALVES, 1984, p. 73.

<sup>29</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: Editora 70, 1998, p. 24.

<sup>30</sup> ALVES, 1984, p. 74.

<sup>31</sup> As cartas que ele escreveu na prisão são um monumento de simplicidade e clarividência teológicas.

A história da comunidade de fé poderia se escrever através da história do nascimento, morte e ressurreição de suas linguagens. Velhas linguagens perecem ao se tornarem congeladas enquanto o mundo segue adiante. Quando isso acontece, elas deixam de ser instrumentos da libertação e se transformam em estruturas repressivas. O novo é abortado em favor do velho.<sup>32</sup>

Como não perceber que a data de validade acabou? A linguagem acontece no tempo. Esse tempo é registrado pela história que se encarrega de relacioná-la com tudo aquilo que ela representa partindo de onde e de qual situação foi retirada. Com essa intenção ela é gerada – para dizer algo sobre o grupo que representa. Essa comunicação ao ser investigada cientificamente não consiste numa tarefa fácil, às vezes, pois o que está em jogo para ser analisado é algo muito além de uma associação entre signo e significante, isto é, entre a palavra e o que ela vem representar. As circunstâncias que estão atrás de um ato discursivo é que indicarão o sentido real daquilo que foi comunicado. Dessa forma,

A linguagem é um fenômeno histórico. Não é um rol de símbolos que se referem a determinados objetos ou ações. Ela expressa a autocompreensão de uma comunidade em seu contexto histórico, o seu relacionamento com o seu mundo e a sua vocação na história. O exame científico da significação de uma linguagem, por conseguinte, não consiste num simples processo de conferir a relação exata entre as palavras e as coisas às quais elas se referem.<sup>33</sup>

A ideia proveniente de uma saída possivelmente avançada para a interpretação alusiva à “morte de Deus” num mundo onde a busca pela objetividade era traço marcante, faz emergir o pensamento de Bultmann a respeito do paradoxo existente na ideia de que o mundo é a própria residência de Deus, enquanto se têm notícias de várias catástrofes ambientais e sociais vistas a olho nu. Para ele, possuir o conhecimento de Deus é ter o conhecimento de nossa limitação para compreendê-lo integralmente. É uma experiência que se mantém no âmbito da subjetividade humana desejosa de se projetar em grau máximo – instância pessoal e por isso fechada para o outro compreender completamente e aberta para as percepções que cada pessoa pode adquirir com o tempo.<sup>34</sup>

Cabe perceber que os cientistas sociais e demais estudiosos dos fenômenos religiosos têm se esforçado para entender o que acontece em vários ângulos desse cenário que abriga os discursos religiosos. Durkheim, Pascal, Feuerbach, Bultmann e outros filósofos procuravam valorizar e analisar sobre os mesmos com profundidade e Alves, em companhia desses, continuou acrescentando algo nesse sentido.

<sup>32</sup> ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 167.

<sup>33</sup> ALVES, 2012, p. 189.

<sup>34</sup> ALVES, 2003, p. 166-167.

Vocês poderiam objetar que este Deus não passaria de uma ilusão. Vocês poderiam estar certos. De fato, em religião, tal como ela é empiricamente apresentada, não encontramos um Deus, mas milhares de deuses, deuses que não conseguimos harmonizar, a não ser pelo processo da abstração filosófica, que lhes rouba todo e qualquer sentido vital. Os deuses são hipóteses vitais. São sintomas de uma imensa variedade de projetos de vida. E não podemos perguntar a respeito deles: ‘Qual é o verdadeiro?’. Da mesma forma como vocês não podem perguntar: ‘Qual é o verdadeiro organismo, a verdadeira borboleta, o verdadeiro elefante?’. O discurso religioso faz parte de nosso corpo. E a pergunta que podemos fazer a respeito de nosso corpo é a seguinte: ‘Em meio à imensa variedade de suas formas possíveis, qual a que conduz melhor à sobrevivência e à felicidade?’.<sup>35</sup>

Apesar de muitos esforços, em pleno século XXI, ainda não se chegou a um denominador comum quanto ao conceito de religião, mas, segundo Frederico Pieper<sup>36</sup>, o Iluminismo fez com que se desenvolvessem um número considerável de buscas para começar entendê-la. Como já mencionado, Feuerbach, por exemplo, compreendeu-a como alienação da consciência; para Marx, é uma tipologia de discurso que leva à confirmação das relações sociais desiguais e injustas; por outro lado, Freud a compreendeu como ilusão. Pela ótica deles, o ser religioso pensa estar se referindo a Deus quando, na verdade, essa figura é uma projeção de sua consciência ou mesmo uma estratégia para sustentar as relações que se travam no meio social, sendo que também pode ser entendida como uma força que dá impulso vital à humanidade. Entende-se a linguagem religiosa aí como sendo outra e não a religiosa em sua essência. O que interessa é se destacar que aquele que não está dentro de alguma religião, possui maiores condições para analisá-la, pois não está vinculado a nenhuma verdade prévia e, assim, sente-se mais livre para visualizar o fenômeno e tudo que está agregado a ele com mais nitidez.

Numa outra abordagem, a religião é lida como um aglomerado repleto de materiais simbólicos e práticas que estão introduzidos na vida social a fim de serem compreendidos. Dessa forma, a religião é pensada como uma das formas de se entender as sociedades que foram fundadas pelas mãos humanas. O que ainda interessa nessa tendência é a função que ela assume na cultura. Ela é um dos departamentos socialmente demarcados e trazem traços típicos de cada grupo social que a mantém. Ela ainda pode ser percebida como dimensão de sentido. O indivíduo religioso a ver, antes, como peça indispensável para ligá-la ao sagrado. Ela, nesse contexto relaciona-se com os sonhos e os desejos humanos, revelando-se assim como algo que traz sentido.

<sup>35</sup> ALVES, 1984, p. 166-167.

<sup>36</sup> PIEPER, 2015 apud NOGUEIRA, 2015, p. 373-412. O mesmo faz parte do Departamento de Ciências da religião da UFJF.

Diferentes e numerosas são as maneiras de se definir religião. O caráter polissêmico desse vocábulo é evidente e justifica essa tendência de ser assimilado com interpretações tão diferentes. Duas situações podem explicar melhor essa questão: cada vez que se tenta conceituá-la, ela fica presa a um dos recortes que privilegiam alguns fatores da mesma e menosprezam outros além do enorme número de fenômenos alojados pela ideia que cada um dos recortes traz sobre religião. O que se pode notar é que desde o século XVIII, o objeto religião é motivo de especulações realizadas pelas ciências humanas. O que se verifica é que cada leitura sobre a mesma se fecha em seus limites. Isso dificulta avançar para compreendê-la e se chega à constatação de que para se estudar religião é preciso considerar a perspectiva do religioso, que, em grande parte dos casos, é conflitante com os pressupostos que um estudo científico coloca.

Reconhecer e tentar manter essa tensão produzida é reconhecê-la como produtiva. Isso permite entender a religião como ambiguidade. Uma abordagem mais externa, na maioria das vezes, não percebe que a religião pode ser constituída de sentido. Em compensação, uma leitura conformista, passiva pode perder a dimensão crítica, simplesmente reproduzindo os aspectos destrutivos que a religião também possui. Deve-se ficar claro, porém, que adotar uma atitude compreensiva não significa concordar com ou assumir a perspectiva religiosa, mas ouvir, entender a religião que vem de dentro.<sup>37</sup>

Nessa perspectiva, o signo religião ganhou um novo contorno, trouxe e ampliou inéditos horizontes. Ele foi se apossando de algumas recentes traduções de suas faces neutras desconhecidas e se estende, ainda mais, para outros locais não explorados pela ciência e pelo coração de uma humanidade que insiste em buscar sempre uma razão para continuar acreditando em suas promessas.

Para que isso se efetive, no entanto, as pretensões iluministas perduram como uma garantia desse deslocamento progressivo da consciência humana, levando-a a conquista de sua maioridade em aspectos diversos. Aqueles seus ideais continuam influenciando bastante nosso meio através do uso da razão que se encaminha pela área acadêmica e por outros espaços alternativos de investigação. Tais registros receberam severas críticas surgidas no decorrer das observações oriundas dessa maneira mais racional de valorizar o homem e a vida. Muitos teólogos, inclusive, submeteram-se a analisar a Bíblia segundo o método histórico-crítico das ciências profanas à leitura e interpretação da Escritura<sup>38</sup>

<sup>37</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. (Org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 374-380.

<sup>38</sup> URBANO, Zilles. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 12.

levando cada denominação religiosa a possuir uma forma eleita para tentar exercer sua religiosidade de uma maneira autônoma.

Essa nova tendência ganha terreno num mundo onde as pessoas deram início às ações planejadas por elas mesmas. Deus e a cultura, em razão disso, passaram por uma especial transformação ocasionada pelo uso dessa liberdade que veio à tona devido ao processo de secularização. A Igreja e o Estado foram se afastando e dando origem ao atual fenômeno do pluralismo religioso com todas as suas peculiaridades e manifestações.<sup>39</sup> O indiferentismo passa a ser uma tendência e as religiões passam a pertencer a um mercado onde cada um se serve daquela opção religiosa que se adapta melhor ao seu perfil. A revolução tecnológica, em particular, nos meios de comunicação de massa e no setor de transporte (turismo) e, mais recentemente, a globalização revelaram-se férteis veículos para se cultivar não a religião, mas as religiões e a religiosidade nos departamentos que rodeiam o universo social onde a humanidade pode se expressar. Oro declara, assim, que

No indiferentismo ético, enfatiza-se o interesse individual, a racionalidade pragmática e utilitarista. Aí também podem ocorrer orientações contraditórias na prática cotidiana. E os padrões de comportamento estão em permanente instabilidade.<sup>40</sup>

Além das religiões serem oferecidas de uma maneira jamais vista, há um expansivo crescimento do comércio de produtos que se agregam à pluralidade dessas denominações de que se têm conhecimento. Outra marca dessa religiosidade pós-moderna é o fato de essas mudanças terem um caráter “provisório”, mostrando que há, na verdade, um movimento migratório constante nesse setor, fazendo com que aqueles que buscam a religião não se prendam mais às aquelas denominações herdadas da família ou do grupo social no qual se viam subordinados, mas sigam aquelas que conseguem oferecer maiores satisfações a eles e, nessa superfície movediça, as igrejas, os templos, passaram a ocupar uma zona de insegurança, já que a frequência desses fiéis é flutuante. Tanto a forte rejeição ao passado, o subjetivismo latente e o individualismo privilegiado são características desse movimento que aponta para a liberdade religiosa que ocupa e defende seu lugar neste mundo não secularizado, mas que passou a fazer uso de algumas sugestões trazidas pela secularização.

<sup>39</sup> ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 61.

<sup>40</sup> ORO, 2013, p. 61-62.

Caminhando ainda nesse sentido e explorando um pouco mais os pensamentos de Oro<sup>41</sup>, descobre-se que a modernidade, para esse autor, foi lida como sinônimo de uma valorização intensa da razão que propiciou uma liberdade de pensamento que se sustentou diretamente do conjunto de opções trazidas pelo advento da secularização, fazendo com que o setor religioso fosse atingido a ponto de obrigá-lo a rever seus conceitos para redefini-lo no que tange às suas funções, métodos e espaços a fim de satisfazer às novas exigências mercadológicas. Mas, de uma maneira geral, só uma pequena parcela da humanidade resolveu ou pôde optar por aqueles novos conceitos que tinham como meta desbravar outros caminhos que se esforçavam para penetrar naqueles novos momentos que a história começava documentar. Assim, antagonicamente, essas mesmas possibilidades não foram bem acolhidas por aqueles que não conseguiram acompanhar os novos desafios vindos com aquela realidade que ali se projetava, embora estivessem receptivos às facilidades ofertadas pela ciência e tecnologia emergentes, permanecendo, possivelmente, por causa desses fatores, mantenedores de uma religiosidade que não os distanciava daquele protótipo de cosmos que continuava sendo habitado por uma atmosfera religiosa que fazia questão de mostrar sua resiliência.<sup>42</sup>

Em consequência dessa realidade, nas últimas décadas, o que se vê de forma clara e desmedida é uma infinidade de novas referências religiosas que foram e estão se formando a partir dos avanços já alcançados pela liberdade de expressão. Há uma falta de referência e uma sensação de solidão associada à procura por uma cura desse mal-estar que parece levar muitas pessoas a encontrar novamente na prática religiosa uma espécie de oásis, reforçando, assim, a condição consoladora que continua sendo um dos objetos de sua sustentação religiosa. Mas, de que forma explicar satisfatoriamente esse fenômeno? O que se passa no interior desse ser humano que tem ao seu alcance todos os benefícios conquistados através da revolução científica, mas mesmo assim, continua desenvolvendo sua religiosidade? A resposta parece já ter sido respondida “provisoriamente”.

A questão que se quis destacar, até esta página, está mergulhada no valor da informação, no uso da linguagem com todas as suas implicações discursivas. Por sua vez, ela adquiriu uma velocidade e uma liberdade de circulação tão grande que democratizou, a curto espaço de tempo, seu uso que se reveste das piores e melhores colaborações que a

---

<sup>41</sup> Mestre em Ciências da Religião (UFJF) e especialista em Educação Popular e em Metodologia Pastoral. Entre 1995 e 2007 foi docente em Sociologia da Religião, Sociologia Geral e Sociologia da Educação (Unoesc e Unochapecó). É padre da Diocese de Chapecó (SC), onde exerce o ministério presbiterial desde 1973.

<sup>42</sup> MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *Religião, espetáculo e intimidade: múltiplos olhares*. Goiânia: editora da PUC Goiás, 2014. p. 101-108.

humanidade já produziu num local onde diferentes culturas caminham em direção ao desconhecido. Alguns temerosos, muito presos às antigas demarcações, outros, sentindo-se libertos, vão em busca das suas realizações mais inconsequentes e há também aqueles que tentam observar o que acontece neste cenário onde a pós-modernidade dita seu perfil caracterizada, principalmente, pela efemeridade, transitoriedade, sem apontar horizontes fixos.

E o que faz a cultura com esses fatos? Ela recolhe todo esse material e se enriquece de alguma forma. Assim, qualquer cultura guarda dentro de si também as suas religiões, portanto, não se pode conceber uma visão de globalidade, uma visão totalizante dos fatos históricos negando os conhecimentos religiosos e suas contribuições nas narrativas vivenciadas em suas experiências ligadas à religiosidade. As fronteiras parecem se abrir e participar de um avançar e retraindo que vem se consumando com maior visibilidade desde o evento já citado sobre “a morte de Deus” no final do século XIX. Sentença que passou a ser assimilada por outros filósofos além de Nietzsche, chegando a influenciar nas críticas que se ampliam em referência direta à linguagem religiosa que continua a se construir e surpreender e se ampliar num mundo onde a religiosidade ocupa e segura, apesar dos sinais aparentes de demolições, sua fração essencial: a relação-dependência entre o tempo presente e o futuro; entre a criatura e o criador.

Sabe-se que essa temática não se esgota no que se pretendeu conceituar e analisar, neste momento, sobre o papel e a importância da linguagem religiosa na história e suas consequências na contemporaneidade. O resultado obtido mostra que houve um tipo de abertura significativa quanto à conquista da liberdade para se assumir o processo que leva as pessoas ao desenvolvimento pleno e altamente particular de sua religiosidade. Sabe-se que parte da população ocidental parece ter consciência de que a modernidade tão almejada ainda não se consolidou como se esperava, estando depositada em pacotes utópicos que ainda não se romperam, apesar dos avanços obtidos, mas que persistem na ânsia humana de resolver os problemas do mundo estando inclusa neles. Diante dessas evidências, a linguagem religiosa atual dotada de subjetivismo, indiferentismo, rejeição do passado, oferta e procura, produz movimentos migratórios constantes denunciando a insegurança desta humanidade em lidar com essa cota de liberdade duramente angariada.

A boa notícia transmitida por estudiosos especialistas nessa temática é que esse cenário, aparentemente, caótico, paradoxal, não é uma exclusividade de nosso tempo. Eles afirmam que tal fenômeno confrontante e de alternância entre a razão e a fé vêm de data remota e faz alusão aos ciclos que movem o progresso social e cultural dos seres humanos.

E enquanto ocorrem essas alternâncias, as pessoas caminham, vivem e a educação permanece junto a todo esse processo.

### 1.3 O Ensino Fundamental

A maneira de perceber e procurar entender cada fase da vida leva à interpretação de fatos que só a história pode desvendar. Cada sociedade se adere aos eventos próprios de sua época e aos acervos culturais produzidos. Ela é que estará apta a classificar e limitar onde começa e onde termina cada fase de vida dos indivíduos que a formam. Assim sendo:

A entrada na juventude se faz pela adolescência, mas não se pode definir uma idade para a chegada. Além do fato de que os indivíduos têm ritmos diferenciados de desenvolvimento fisiológico, as diferentes experiências vividas no círculo familiar e social mais próximo e, principalmente, os diferentes contextos socioculturais determinam diferentes ritmos e vivências da adolescência.<sup>43</sup>

Sabe-se que existe um tipo de educação que surge para completar, de certa forma, a educação familiar. É a educação que se recebe numa escola – lugar de convivência, de troca de experiências, de troca de saberes, de aquisição de inúmeros conhecimentos que interessam aos seres humanos que lá estudam e que lá trabalham. É um ambiente que deve favorecer o desenvolvimento e aperfeiçoamento integral do educando. Cada uma tem sua própria realidade, suas necessidades históricas, seu corpo docente e discente e um plano de ação adequado aos desafios que precisa enfrentar para cumprir sua missão como instituição educacional capaz de acolher e socializar seus alunos.

A evasão escolar é um dos pontos críticos que essas instituições encontram nos dias atuais. Os motivos são vários, mas tudo parece ter início na má recepção dada aos educandos, às vezes, através de aulas que já se tornaram obsoletas, o que dificulta a presença do interesse do aluno pelos conhecimentos por causa da metodologia e/ou equivocada seleção dos conteúdos que estão sendo transmitidos. A falta de sintonia entre esses conteúdos e as reais necessidades dos alunos esbarra numa palavra: motivação. A lembrança que chega tem a ver com a dinâmica que ocorre no processo de comunicação: precisa-se conhecer a diversidade, o perfil da comunidade onde o educando reside para que se tenham maiores possibilidades de acertar nas estratégias que conquistarão sua atenção e o levarão a permanecer estudando e ampliando sua visão de mundo. Muitos filósofos e pensadores da educação já refletiram sobre a imensa distância entre muitas escolas e a

<sup>43</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL: *terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 105.

vida. Para Celso Antunes: ‘Constitui insubstituível função do professor, trabalhando ou não com projetos, ser um decodificador de símbolos, isto é, um profissional que interpreta textos.’<sup>44</sup>

Vale ressaltar, para reafirmar o porquê desse trabalho, que a educação escolar dada aos adolescentes aparece como um meio sistematizado capaz de levar certos saberes a eles que a família, muitas vezes, não tem condições de transmitir. Com o objetivo de permitir que essa tarefa se cumpra, o poder público conta com seus recursos humanos – professores, pedagogos, diretores e demais funcionários, necessários para que seus objetivos tenham maiores probabilidades de serem atendidos com êxito. No entanto, um dos principais desafios que o esse tipo de ensino enfrenta, até a data corrente, é a administração das diferenças em sala de aula e nos espaços físicos que pertencem ao ambiente escolar. Esforços têm sido canalizados para que isso se altere e melhore e um dos materiais didáticos que está sendo utilizado para esses fins são os Parâmetros Curriculares Nacionais pensados e construídos para servir de referência para os profissionais que lidam com a educação escolar da rede pública trabalhando com metodologias inovadoras para que se propicie uma educação que possa estar mais sintonizada com as exigências desses novos tempos.

Seus objetivos estão bem definidos e partem da ideia de fazer com que os educandos exerçam a capacidade de assimilar um conceito de cidadania que os oriente a uma participação ativa nas causas sociais e políticas colocando em prática a busca de seus direitos e deveres e gestos que traduzam justiça, cooperação e respeito à diversidade.

O uso do diálogo como meio para resolver problemas tem o objetivo de levar uma coletividade a solucionar algum tipo de conflito. Conhecer a história do Brasil, seus segmentos sociais, materiais e culturais para que se desenvolva uma espécie de pertencimento ao mesmo também são metas que os Parâmetros perseguem em nome da construção de um currículo preocupado em desenvolver pessoas, em investir no material humano, colocando-os numa situação privilegiada de receptores de conhecimentos úteis à sociedade e a quem os recebe para melhorar as condições de vida. Em inúmeros aspectos.

Ter conhecimento e valorizar a pluralidade sociocultural, ser contrário a qualquer modelo de preconceito, discriminação social ou de outra natureza, proteger o meio ambiente de quaisquer danos e promover mobilizações que visem conscientizar os indivíduos da necessidade urgente de rever posturas inadequadas em relação a esses temas

---

<sup>44</sup> ANTUNES, Celso. *Um método para o ensino fundamental: o projeto*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p. 41.

supracitados também funcionam como objetivos dos Parâmetros para o ensino em pauta.<sup>45</sup> Para efetivar todas essas metas elencadas pelos Parâmetros, a leitura deve ser colocada no centro das atenções. Porque: ‘A leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas também, ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político’.<sup>46</sup>

Ao trilhar por esse caminho, os professores juntamente com o corpo técnico das escolas de ensino fundamental deverão buscar e produzir projetos cada vez mais consistentes para fazer com que os educandos dialoguem a partir daquilo que estão lendo nos livros, na tela de um computador, numa conversa informal com um amigo, numa notícia dada pela televisão, rádio e percebam que estão sendo preparados, na verdade, para ler muito mais: para ler o mundo onde vivem. Então, o ato de ler

deve ser considerado um processo de apreensão de símbolos expressos através de qualquer linguagem, portanto, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.<sup>47</sup>

Ao dar passos nessa direção, verifica-se que o objetivo do Ensino Religioso escolar é adicionar-se às demais áreas para produzir uma educação integral, que possibilite o conhecimento e a experiência da dimensão transcendente da vida humana, em âmbito pessoal, comunitário, cultural e universal. Não deixa de ser uma nova fórmula de se atingir a sociedade moderna com outros atalhos que levem à transcendência e às reações que a mesma desencadeia na vida dos que creem, levando-os a um tipo de reforma íntima que produz uma disposição para que mudem de postura diante daqueles com os quais se relaciona e com a vida em geral. A observação do fenômeno religioso, a reflexão que leva a perceber traços comuns entre as tradições religiosas que possibilita a troca amigável de experiências favorece o processo educacional como um todo para,

A elaboração da identidade e do projeto de vida que implica construir um conjunto de valores que oriente a perspectiva de vida: quem eu sou, quem eu quero ser, o que quero para mim e para a sociedade. Isso exige uma busca de autoconhecimento, compreensão da sociedade e do lugar social em que está inserido.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1988, p. 55-58.

<sup>46</sup> VYGOTSKY L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 29.

<sup>47</sup> MARTINS, 1994 apud MAIA, 2007, p. 27-28.

<sup>48</sup> SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1988, p.109.

As obras alvesianas entram como uma dessas apostas abertas, inteligentes e prazerosas para a aquisição desse conjunto de valores concentrados na sua preocupação com a vida do ser humano, com seus conflitos, com sua busca interior e com aquilo que ele acredita que exista além dele.

Vamos conhecê-las um pouco mais agora. Antes, porém, Bakhtin escreve que,

Somente na poesia a língua revela todas as suas possibilidades, haja vista que as exigências com relação a ela são mais altas: todos os seus aspectos se baseiam no extremo e chegam a seus limites; é como se a poesia extraísse da língua todo o seu sumo, e a língua superasse a si mesma. Mas, apesar de ser tão exigente para com a língua, a poesia, todavia, a supera porque é língua e objeto determinado da linguística. A poesia não é uma exceção da situação comum a todas as artes: a criação artística definida em relação ao material é sua superação.<sup>49</sup>



---

<sup>49</sup> BAKHTIN, Michail. *Estética e romance*. Turim: Einaudi, 2001, p. 42.

## 2 A TEOLOGIA DE RUBEM ALVES

A partir de agora, será realizada uma síntese da biografia de Rubem Alves. Numa segunda etapa deste capítulo, optou-se por seguir parte desta sugestão dada pelo próprio teólogo na apresentação do livro *A theological interpretation of the meaning of the revolution in Brazil* lançado no Brasil em fevereiro de 2004 pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória. Naquela ocasião, ele escreveu:

A distância entre os pensamentos que pensei para escrever este texto e os pensamentos que penso hoje é infinitamente maior que a distância entre minha fotografia de juventude e minha fotografia hoje. Se vocês ficarem curiosos poderão tentar retrazar o caminho das minhas transformações...

Assim, eu peço aos leitores que não me conhecem que, enquanto lerem este texto de juventude, leiam também os textos de minha maturidade e velhice: estórias infantis, crônicas para adultos e textos de teologia como *Pai Nosso* (Paulus), *Lições de Feitiçaria* (Loyola) e *Transparências da eternidade* (Verus).<sup>50</sup>

Apesar do objetivo desta pesquisa se ater à parte que cabe preferencialmente às obras teológicas citadas pelo autor, achou-se conveniente a divulgação do fragmento acima por se tratar de sugestões valiosas para futuros trabalhos.

### 2.1 A importância do contexto histórico

Analisar parte da vida de uma pessoa é uma atitude instigante que traz à superfície as cores que se aproximam da realidade vivenciada pelo indivíduo o qual se propõe analisar. Por isso se constroem alguns atalhos para se obter informações que levem a uma melhor compreensão da trajetória de vida daqueles que se tornam foco de algum tipo de pesquisa.

Pensando assim, chegou-se a Rubem Alves. Ele nasceu em Boa Esperança – uma pequena cidade situada no interior do estado de Minas Gerais. Seus pais Herodiano e Carmem Silva de Azevedo casaram-se em 1919 representando, de certa forma, um interesse para ambos, porque a família de seu pai estava economicamente em ascensão devido à habilidade para o comércio. Seu pai era um grande exportador de café e possuidor de outros empreendimentos naquela região. Sua mãe fez parte de uma família nobre que estava em decadência. Segundo Alves, ela era uma mulher introspectiva que apreciava as artes; principalmente, a música. Tratava-se, na verdade, de uma talentosa pianista que

<sup>50</sup> REDES: REVISTA CAPIXABA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA. Ano. I, n. Especial, (fevereiro 2004). Vitória: IFTAV / Unisales, 2004, p. 17-18.

chegou até a dar aulas para o renomado Nelson Freire - um talentoso pianista brasileiro reconhecido internacionalmente. Quanto a uma das lembranças que ele tem de seu pai, disse que, no mundo dele, não havia lugar para a dor. Se a dor aparecia, ele a transformava magicamente por meio de palavras. Porém, em sua infância, algo inesperado ocorreu e alterou substancialmente a vida de sua família.<sup>51</sup> Ele narra esse drama da seguinte forma: “E, de repente, tudo acabou. A bolsa de Nova York quebrou. Meu pai, exportador de café, perdeu tudo. Não conseguiu fazer as transformações alquímicas por meio de palavras a que estava acostumado. Sua magia era fraca para tragédia tão grande.”<sup>52</sup>

A inesperada mudança de classe social alterou os hábitos de sua família. Porém, certo consolo surgiu graças ao aparecimento de um evangelista protestante chamado Firmino que passou a levar-lhes certo conforto espiritual. Anos depois, já residindo no Rio de Janeiro, uma aguda solidão e humilhações por causa de seus costumes interioranos, que partiram de seu ambiente escolar, fizeram com que ele buscasse a proteção religiosa. Posteriormente, essa mesma lembrança o levou a refletir intensamente a função das escolas como espaços dinâmicos de intervenção pedagógica destinadas, sobretudo, à educação das sensibilidades. Mas, bem antes de se colocar oficialmente na condição de professor, tornou-se um dos líderes de sua comunidade de fé e sentiu-se motivado a entrar no seminário, inspirado também por Billy Graham. Lá, cursou teologia entre 1953 e 1957 no respeitável Seminário Presbiteriano de Campinas onde teve a oportunidade de conhecer Richard Shaull - um professor que trazia o pensamento renovado vindo da Europa. A identificação com esse revolucionário fez com que Alves tomasse posse de ideias e atitudes libertárias. Com a finalidade de expor a essência das ideias desse missionário, selecionou-se este fragmento:

A teologia afirma que se queremos ver o que realmente está acontecendo e apreender esses sinais precisamos reconhecer que a história não é um processo natural, fechado sobre si mesmo, e que o homem não é o senhor da história. A história é uma esfera em que o homem enfrenta constantemente uma realidade dinâmica que não controla por completo e responde a iniciativas e impulsos que surgem de fora. Em termos teológicos, a história é a esfera da providência, o campo de ação de uma soberania que, presente na história transcende-a ao mesmo tempo. Falando concretamente, podemos entender os acontecimentos históricos somente se temos a liberdade de distinguir o elemento de mistério e de surpresa que sempre aparece no meio deles - novas possibilidades, novas oportunidades de vida individual e comunitária, novas criações na arte e no

<sup>51</sup> NUNES, Antônio Vidal. *A ciência e o homem no pensamento de Farias Brito e Rubem Alves*. Vitória: EDUFES, 2007. p. 53-57.

<sup>52</sup> ALVES, Rubem. *O velho que acordou menino*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005. p. 95.

pensamento, como também, na organização da sociedade – que nunca tinham sido previstos.<sup>53</sup>

Aquela teologia funcionava em total defesa dos oprimidos entendendo que a política e a religião deveriam estar juntas para vencer as injustiças sociais e proporcionar uma vida menos miserável à população. Ao deixar o seminário, Alves já tinha absorvido essa nova linguagem que expressava os anseios dos “esquecidos” do mundo e a necessidade de ajudá-los a abandonar aquela situação.

Com essas ideias, ele começou a trabalhar como pastor em Lavras. Pouco tempo depois, foi convidado para realizar seu mestrado em Nova York e lá escreveu *Theological Interpretation of the Meaning of the Revolution in Brazil*. Naquele período, o Brasil passava por uma grande turbulência política que o levou ao golpe militar de 1964. Fato que dificultou o seu regresso ao Brasil e fez com que ele e sua família ficassem em situação de risco. Resultado da delação sofrida por ele e mais alguns pastores irmãos de ideal. E, diante de todos aqueles dissabores, conseguiu uma bolsa de estudo através de alguns amigos americanos para realizar seu doutoramento em Princeton (EUA). Lá, procurou se dedicar às suas reflexões a respeito da elaboração de nova linguagem religiosa. Com esse desejo, buscou estreitar seus diálogos e tecer uma hermenêutica que tinha como meta entender a religião partindo da experiência humana. Para isso, estabeleceu conexões discursivas com outros filósofos e teólogos, recebendo, em decorrência dessa atitude, fortes influências de Feuerbach, Nietzsche, Marx, Freud, Mannheim e outros pensadores que permitiu, na década de 1960, realizar uma investigação detalhada sobre temas que eram, naquela época, vinculados ao universo burguês; causando bastante estranheza e polêmica diante de boa parte dos intelectuais que o classificavam, anteriormente, como um daqueles que estavam a favor de causas sociais mais urgentes.

O itinerário onde seus pensamentos foram encontrando novos desafios cooperou para que ele se entregasse, cada vez mais, à compreensão do ser humano. *Towards a Theology of Liberation* foi o título de sua tese de doutorado publicada nos Estados Unidos em 1969 e, no Brasil, somente em 1986. O prefácio foi escrito por Havey Cox.<sup>54</sup>

Durante o tempo que passou em Nova York, atuou como professor visitante convidado pela instituição onde realizou seu mestrado. Lá, produziu uma obra intitulada *Tomorrow's Child*. Em 1986, a mesma foi lançada no mercado brasileiro com o título *A Geração do Futuro*. Obra que foi duramente criticada por alguns teólogos da libertação,

<sup>53</sup> SHAULL, Richard. *De dentro do furacão e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Sagarana; CEDI: CLAI; Progr. Ec. De Pós-Grad. em Ciências da Religião, 1985. p. 104.

<sup>54</sup> NUNES, 2007, p. 63-75.

pois achavam que Alves estava a serviço dos interesses dos americanos<sup>55</sup>. Informado de tais comentários, Alves fez questão de comentar:

Eu queria apenas seduzir: convidar o leitor a ver o mundo através dos meus olhos. E que eles amassem este mundo. Em tudo o que se escreve há sempre um desejo de se conseguir con/ spiradores: uns poucos que respirem o mesmo ar. E é por isso que o texto há de ter sabor, para que o corpo fique enfeitiçado. Mas eu sabia pouco a respeito destas coisas, anos atrás. Tanto que, se fosse reescrever o livro, incluiria um Capítulo sobre 'A função política da beleza'. E que acredito que as pessoas lutam melhor quando são possuídas por visões de coisas belas. E é por isso que não posso imaginar uma teologia de libertação que não se apresente como coisa estética, obra de arte, fragmento de paraíso, sacramento de coisa saborosa. Quero uma teologia que esteja mais próxima da beleza que da verdade, porque da visão da beleza surgem os amantes, mas sobre a convicção da verdade se constroem as inquisições.<sup>56</sup>

Descobrir sinteticamente como a teologia de Alves se fez, quais foram seus temas predominantes e características serão os objetivos que deverão ser buscados a partir deste instante. Os dados coletados e expostos nas fases iniciais deste trabalho sinalizam que Alves sofreu vários processos de desconstrução desde a infância, e muitos deles foram registrados em palavras. Isso permitiu uma aproximação maior desses caminhos que o levaram às suas novas composições. Pelo que se verificou, a poesia foi predominantemente o suporte selecionado por ele para carregar sua linguagem inovadora. Ele continuava sendo um teólogo da libertação bastante preocupado com as causas sociais, mas que havia encontrado outros recursos para ajudá-lo a prosseguir no aprofundamento de seu humanismo. Suas produções indicavam claramente o processo de libertação por que passava. Seus mais nobres pensamentos pareciam estar prestes a alcançar o mar aberto e, possivelmente, por isso, foram se encontrar com um suporte suficientemente flexível e preparado para carregá-los: a poesia – algo que se observa ao se apreciar atentamente e de maneira sequencial boa parte de suas obras teológicas.

As suas inéditas reflexões foram se somando e estabelecendo diálogos com aquelas produzidas desde a juventude, permitindo-lhe ampliar a sensibilidade artística herdada de sua mãe para alargar sua expressividade. Isso, ele realizou através da arte literária que se serviu da beleza estética para atingir pessoas comprometidas com os mesmos ideais defendidos por ele e que viam a arte como um forte agente de transformação social. Este trecho expressa essa experiência por que passava:

<sup>55</sup> CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. São Paulo: Papyrus, 2005, p. 79.

<sup>56</sup> ALVES, 1974 apud CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 79.

A cigarra subterrânea começou a sonhar sonhos de ar livre e vôos. Saiu da terra. Sua casca não era mais capaz de suportar a vida que crescia dentro dela. Arreventou. E dela surgiu outro ser, alado, pneumático. Nós seres humanos somos como as cigarras. Só que nossas cascas são feitas com palavras. Crescendo a vida, as cascas verbais se transformam em prisões. Têm de ser abandonadas, para que a vida continue.<sup>57</sup>

E vieram momentos de férteis encontros com autores que se identificavam com ele e com sua teologia - uma forma diferenciada de entender Deus e a humanidade a partir de certa informalidade se comparada à solenidade da teologia da libertação que já se conhecia. Essa teologia que nascia exibia uma força criativa que conseguiu se mostrar graças à liberdade que ele foi experimentando e divulgando de forma solitária, mesmo sabendo das resistências que suas ideias encontrariam para se estabelecer, demonstrando um afastamento progressivo da teologia tradicionalista e que trazia como conteúdo também as situações pessoais vivenciadas, utilizando-se da poesia e da teologia em sintonia para se expressar sem receio algum. Com essa necessidade de se atrever a outros pontos ainda não explorados pela teologia, Alves encontrou os instrumentos adequados para produzi-la.<sup>58</sup>

Isso será comprovado ao ler algumas dessas obras numa certa ordem cronológica que facilitará a observação da evolução dos pensamentos desse escritor. Além daquelas que já estavam selecionadas, pensou-se na inserção daquelas sugeridas pelo próprio escritor.

A primeira obra orgânica produzida por Alves foi sua tese de mestrado, mencionada anteriormente. Nela, ele expôs sua inquietude em relação à ausência do papel da religião na superação dos abismos sociais que já se mostravam desde o período colonial brasileiro derivados da situação de “Vida Reflexa” implantada pelos nossos colonizadores. O trecho que se seguirá esclarecerá ainda mais o que se passou naquela época:

O Brasil não tem um plano para si mesmo. O centro e os beneficiários da vida nacional não eram os incluídos nela, mas, ao contrário, poderes externos. Estes poderes forçaram a vida nacional a reagir de modo tal que não recebia os benefícios daquilo que produzia.<sup>59</sup>

Com essa imagem, a realidade brasileira tinha na revolução a perspectiva de viver miseravelmente no automático para enriquecer e abastecer não as suas necessidades internas, mas sim, as daqueles que tentavam manter sobre o Brasil o seu domínio. Diante desses acontecimentos, o povo veio a emergir com todas as reivindicações que trazia em

<sup>57</sup> ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. 4. ed. Campinas: Verus, 2002. p. 87.

<sup>58</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 43-47.

<sup>59</sup> ALVES, Rubem. *Teologia da Libertação em suas origens: uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil -1963*. Vitória: IFTAV/Unisaes, 2004. p. 25.

mente e aqueles que eram contra aquela reação se posicionaram ligados ao centro do poder vigente que era contrário a uma organização que beneficiasse os projetos elencados por aqueles ativistas. Em decorrência desses episódios, os intelectuais que não compactuavam com aquela estrutura que desfavorecia totalmente aquela população injustiçada em relação aos baixos salários que recebia como o pagamento por seu trabalho árduo e pelos produtos resultantes da exploração de seus recursos materiais se transformaram em seus intérpretes para solicitações de mudanças passando a ser também orientadores para fazê-los avançar em direção às pautas que estivessem em permanente diálogo com suas carências mais urgentes.

A desumanização é uma consequência de privação do homem do natural, a humanização deve inseri-lo de novo nele. Mas, para ter sucesso neste plano, as presentes estruturas da vida reflexa têm de ser destruídas. Uma mudança econômica deve ser feita para tornar a humanização uma realidade.<sup>60</sup>

O silêncio da Igreja, sua convivência diante daquela situação imposta pelo Estado, naquela ocasião, serviu-lhe de material de investigação desdobrando-se no julgamento do comportamento da mesma frente à revolução que tinha como meta a humanização, inclusive das instituições, começando pelo reconhecimento do próprio Estado de passar a exercer de maneira exemplar seus deveres para com os cidadãos que sustentavam a sua razão de existir. O combate à idolatria de ambos os lados – Igreja e Estado indicava a complexidade latente daquele evento instaurado. A reinserção da humanidade ao natural de direito, o término da desumanização que se encontrava na forma de se fazer política no Brasil revelada, no início da década de sessenta, provocou repugnância naqueles que esperavam da classe religiosa um posicionamento coerente com os preceitos contidos na postura de Jesus. Diziam-se agentes das boas causas, procuradores do bem comum, mas, na prática, faltou participação, reconhecimento das necessidades reais dos menos favorecidos. Daí, sua não participação ter gerado um descontentamento incômodo que acompanhou e permitiu que Alves fosse levado a repensar em outros trabalhos as questões que se ligam à religião, à religiosidade e suas consequências nas relações com a política, a área social e a vida emocional das pessoas.

Por isso, ao seguir um roteiro sugerido pelo próprio Alves, buscou-se, quatorze anos depois da escrita dessa tese, retomar a leitura de Pai Nosso – obra já visitada no capítulo anterior. Nela, deparamo-nos com a veia poética do autor, do teólogo, de um homem que assumiu uma religiosidade transbordante que o levou a quebrar fronteiras,

---

<sup>60</sup> REDES, 2004, p. 53.

transmitindo leveza e aprofundamento. A revolução para ele passou a ser outra. Sobre essa fase, ele comentou: ‘Por razões que não conheço, comecei a gostar mais dos pássaros voantes do que dos pássaros engaiolados. Acho que isso se explica pelo fato de haver eu começado a ler poesia... Ou por me haver embrenhado na selva psicanalítica...’<sup>61</sup>

A fé e a filosofia predominavam e dialogavam em suas obras formando um dueto, uma conversa oportuna e instigante. Meditações que tiveram o poder de acordar o pensamento. Figuras bíblicas e filósofos convivendo numa mesma página, numa mesma voltagem de ideias – intertextualidades inéditas, inteligentes, propícias à nova ocasião.

Agora, o ano é 1992. Um intervalo de cinco anos e uma distância de quase três décadas após a defesa de seu trabalho acadêmico nos solos norte-americanos que trazia sua leitura teológica do Golpe de 1964. A obra literária que rouba a cena é *O poeta, o guerreiro e o profeta*. Por analogia, pode-se imaginar nesta análise comparativa um ângulo formando noventa graus. Por quê? Pelo fato de que, numa posição horizontal, visualiza-se, por volta de 1960, um jovem pastor identificado com os pensamentos de um protestantismo renovado fortalecido pelas lições e pela convivência frutífera com seu mestre Richard Shaull. Um Alves engajado, um ativista com posicionamentos progressistas. Do outro lado, com o decorrer do tempo, após passar por experiências bem difíceis na vida, percebe-se que ele se apropriou de outro discurso, como se viu anteriormente.

## 2.2 Sínteses de suas obras teológicas mais relevantes

Os critérios adotados para se escolher as obras que se encontram a seguir partem de uma sugestão dada pelo próprio escritor, como já foi mencionado anteriormente, como também, de determinadas preocupações que predominam no universo escolar e que estão diluídas e trabalhadas de maneira singular nas páginas das obras que foram selecionadas. Elas envolvem, seguindo a sequência destinada a elas nas linhas abaixo: engajamento social e político que podem funcionar diretamente como fator motivacional para se trabalhar questões de cidadania que precisam estar presentes no ambiente escolar público como garantia de inspiração para a prática de futuras ações que possam sustentar a esperança, principalmente, dos menos favorecidos em relação ao amanhã. Essas questões são exploradas mais claramente na obra que traz sua tese de mestrado. Nela, Alves realiza uma análise teológica do significado da revolução ocorrida no Brasil em 1963.

---

<sup>61</sup> ALVES, 1998, p. 13.

Em *Pai Nosso*, a poesia e a oração são apresentadas em forma de arte literária – aspecto que favorece o entendimento de se vivenciar a fé a partir de uma obra aberta, que estimula a introspecção e a subjetividade. As manifestações artísticas devem ocupar um lugar de destaque na escola, pois permitem que se aguçe o poder de percepção e reflexão dos alunos em relação a vários temas, entre eles, os religiosos. Essa obra proporciona, de forma delicada, um encontro entre a pessoa com seus desejos mais ocultos. Essa ação dá margem para que se abram caminhos mais claros para que o amadurecimento e a humanização sejam desenvolvidos.

Numa pedagogia renovada, torna-se essencial que se valorize a arte como instrumento de apreciação e reflexão. Assim, ter acesso a ideias que vão desde a valorização maiúscula do poder da imaginação à possibilidade de se conhecer uma teologia que assimila todas as expressões do humano que servem para nomear o ausente é uma atitude muito bem-vinda. A educação não pode nem deve desperdiçar essa linguagem que se nutre de poesia, de fantasia para comunicar a espiritualidade desse ser de desejo que é o ser humano.

*Da Esperança* funciona como um convite para viver intensamente a vida. A palavra de Deus é vista como algo que promove uma participação ativa dos seres humanos na construção da história. Questão que uma escola de qualidade deve priorizar. Aqui, a linguagem descritiva que transforma fatos em valores é abolida e dá margem para que a linguagem da imaginação predomine e avance contra qualquer tipo de idolatria e, simultaneamente, permite que maneiras alternativas e mais autênticas de se vivenciar a fé passem a ser valorizadas.

Outra obra que merece uma atenção especial é *O suspiro dos oprimidos*. Pois ela aponta e analisa os aspectos negativos e positivos que estão presentes no universo religioso. A importância da linguagem fica evidente. Trata-se de um estudo que permite uma reflexão profunda a respeito dos símbolos que representam os mais secretos anseios humanos – os símbolos religiosos.

Já, *O enigma da religião* nasceu de um esforço intelectual para se explicar o motivo pelo qual os seres humanos constroem e praticam a religião. Para tal estudo, Alves fez uso de instrumentos relacionados à sociologia, à psicologia e à psicanálise e o resultado obtido mostra que se conseguiu avançar para além da concepção teológica do fenômeno religioso. Característica adequada e recomendada para se explorar no ambiente escolar contemporâneo.

Em *Transparências da Eternidade*, as principais indagações existenciais realizadas pela humanidade são revisitadas de uma forma simples e envolvente. Ação que provoca o uso da razão para entender as muitas faces de Deus. Essa compreensão acelera o processo de espiritualização dos indivíduos diante dos mistérios da vida. É uma obra viável para se utilizar no processo educacional dos alunos, pois privilegia a reflexão sobre o sentido da vida humana e da existência de Deus.

Após a colocação dos motivos que geraram a seleção das obras a seguir, resta conhecê-las um pouco mais.

### 2.2.1 Da Esperança

Pode-se perceber que uma semente dessa nova teologia encontra-se na sua tese de doutorado *A Theology of Human* – recebendo o título “Da Esperança” em português, redigida durante seu exílio nos Estados Unidos.

Nela, a ressurreição; a imagem da polifonia da vida; a afirmação e a celebração da vida; o corpo como agente e espaço de realização da humanização e a nova linguagem teológica foram os tópicos que levaram Alves a assumir de vez o rompimento com os padrões ideológicos que funcionavam como pilares da teologia ortodoxa. Segundo Ortiz,<sup>62</sup> a sua concepção de ressurreição apareceu como um ponto de partida para que seu humanismo tomasse forma e se abrisse à história a partir da aceitação incondicional do evento que formalizou a ressurreição de Cristo como marco da libertação da humanidade. Assim, o termo “libertação” fez com que o sentido de “liberdade” fosse considerado um fator vital para que a esperança, o direito à boa nova fosse uma realidade que se dirigisse para o futuro com a finalidade de colocar em prática os planos de Deus para o mundo.

Os cristãos e os homens seculares, que falam a linguagem do humanismo político tão frequentemente se encontram lado a lado. O fato é que eles participam da recusa fundamental de serem absorvidos pelos sistemas que requerem adaptação a estruturas estabelecidas. Ambos negam a legitimidade de todas as estruturas – as que pretendem se basear na ordem natural, as que pretendem representar valores transcendentais eternos e as que intentam representar a verdade da eficácia tecnológica – enquanto contextos determinantes e finais para a ação humana.<sup>63</sup>

O humanismo político tem por princípio a valorização imediata do tempo presente e do trabalho em benefício dos oprimidos do mundo. Seus adeptos são contra ajustamentos para satisfazer estruturas “prontas”, que não querem se adequar às necessidades mais

<sup>62</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 65-75.

<sup>63</sup> ALVES, 2012, p. 184.

urgentes dos novos tempos. Sua formação e dinamização acontecem durante a história estando firmadas no tempo que se vive. A responsabilidade desse humanismo está vinculada aos sofrendores do momento. Sua atitude é ajudá-los, compreendê-los e procurar colocá-los numa situação de maior dignidade social. Não importa se seus ativistas pertencem à Igreja ou não são irmãos que trabalham paralelamente dentro de um mesmo espírito missionário. São herdeiros daqueles ensinamentos que se ouvem além das fronteiras temporais conhecidas. A construção do futuro depende da vivência bem aproveitada, com luta, com prazer, com sensação de dever cumprido enquanto se caminha em direção desse amanhã que já se constrói no tempo que é dado. De acordo ainda com sua visão, adiciona: ‘Em todo compromisso histórico com algo ausente está envolvido um risco. Porém, quero perguntar: não é através de um risco por algo ausente que a linguagem da ciência se mostra capaz de abrir novos caminhos em direção ao futuro?’<sup>64</sup>

Por causa dessa ideia exposta, parece mais lógico que o fato de saber desfrutar a vida tendo como referência esses preceitos é um modo de entendê-la no tempo presente como uma parcela de algo muito maior contido nos planos de um Deus que é o sinônimo de uma totalidade absoluta criada por Ele mesmo - ideia que ainda não se consegue compreender totalmente, mas que à medida que as consciências se dilatam vão se tornando perceptíveis às observações. Dessa forma, quando os seres humanos se perceberem, através da tarefa intelectual, fazendo parte dessa complexa teia de sons, cores, cheiros e sensações que convivem harmoniosamente, fazendo com que eles se sintam parte dessa polifonia que alterna momentos de tristeza e alegria, ficará mais compreensível afirmar que viver intensamente a vida é celebrá-la através do uso consciente da liberdade.

Outra temática explorada com exatidão nessa tese foi a função do corpo, visto como lugar de realização de todo ser humano, oferecido por Deus. A partir dessa visão, o termo “corpo” tomou posse de algumas significações que influenciaram diretamente seus trabalhos. Ele acreditava que através do corpo, as pessoas pudessem cultivar e exteriorizar bons sentimentos e reconhecer que fazem parte de uma mesma essência. A natureza, mediante essa ótica, é assimilada como um local para se adquirir felicidade. Nessa perspectiva, há uma exigência constante para que cada ser humano saia de si mesmo e se abra para o mundo ao se tornar criador de suas próprias possibilidades para adquirir conhecimentos em relação à natureza de seu ser e da natureza física que o rodeia, proporcionando-o a capacidade de expandir seu pensamento ao tentar nomear tudo que vê

---

<sup>64</sup> ALVES, 2012, p. 307-308.

e sente mediante uma atividade mental incessante. Essas funções exercidas pelo corpo é que têm o poder de prepará-lo naturalmente para seu encaixe e desempenho num mundo que visa oferecer-se como dádiva de Deus à humanidade.

Seus pensamentos preocupavam-se com a expectativa de libertar o ser humano de toda forma de trabalho escravo, resultado de algum tipo massacrante de alienação, por isso mesmo, sua teologia não se limitava a percorrer com todo vigor apenas as áreas alusivas aos setores sociais e econômicos das pessoas. Procurava não entendê-las apenas superficialmente.

Em parceria com os demais temas mencionados no corpo dessa tese, ele estava dando forma a uma teologia que se concentrava na totalidade dos planos de Deus, já envolvendo o tempo presente com todas as suas implicações e momentos de felicidade. Por essa razão, essa linguagem trouxe um nível de percepção maior em comparação com a produzida antes, na já ousada teologia da libertação, pois outros itens foram contemplados e passaram a fazer parte de um programa avançado para expor a urgência de haver uma fé renovada pelo uso da razão que estava comprometida em fortalecer a aceitação de novos conhecimentos que pudessem ser geradores de esperanças renovadas.

Porém, para que todo esse processo inovador ocorresse, seria preciso assimilar algumas características que o envolvessem. Por isso, Alves nos leva a compreender pontos-chave dessa linguagem. O primeiro deles relaciona-se à história que dita a realidade e do ser humano que tenta manipulá-la através da liberdade criadora para que a mesma possa lhe dar como resposta o desfrute pleno da vida com todos os seus contrastes, decepções, realizações e prazeres. Trata-se de um tipo de teoria levada às últimas consequências, colocando-nos ligados às aspirações de um Deus-amor que não se consegue conceituar e mensurar com total clareza, mas que se sente. Outra característica mostra-se, numa certa proporção, altamente mutante, construindo-se e reconstruindo-se a partir de evidências sempre mais ampliadas dos objetivos de Deus, registradas pela história, apesar dos movimentos contrários de demolições aparentes que, na verdade, são apenas transformações que propiciam uma percepção maior e multifacetada do sagrado que se reflete, inúmeras vezes, em diferentes e inesgotáveis formatos de adoração. A imaginação situa-se num lugar privilegiado e coloca essa linguagem como nomeadora do que não se vê, mas se acredita e se percebe. Essa condição é capaz de quebrar as fronteiras que separam o mundo visível do invisível e faz com que os sonhos tenham o poder de se realizar de alguma forma que ainda não se consegue explicar de maneira exata.

O tempo transcorria e Alves assumia, diante de muitos olhares críticos, seu estilo próprio de fazer teologia mediante a proposta de se vivenciar a fé fora dos espaços convencionais ocupados pelas instituições tradicionais. Ao mesmo tempo, ele mostrava sua insatisfação com alguns revolucionários, que em busca do poder se corrompiam e se comportavam como aqueles que, antes detinham o poder. É pertinente salientar que o panorama gerado pela teologia da libertação cooperou para que ele chegasse com maior rapidez a defender a presença da imaginação a serviço do ato criador que se revelava e se aperfeiçoava através das diversas maneiras de celebrar a vida e redescobrir os valores corporais. Tudo isso, em conjunto, segundo ele, teria o poder de levar as pessoas a conquistar valores que pudessem ajudá-las a garantir o equilíbrio emocional em diferentes lugares e situações de convivência.

### **2.2.2 O enigma da religião**

Faz-se necessário prosseguir até o ano de 1975, período em que fortes abalos eram escutados no setor religioso em decorrência da crescente secularização. Nesse contexto de demolições e grandes conflitos, Alves conseguiu lançar “O enigma da religião” que teve a capacidade e a coragem de discutir a complexidade da religião em plena época em que anunciavam o seu possível fim. Ele se concentrou em investigá-la, discuti-la e responder questionamentos a respeito das razões que levam as pessoas a procurar e a fazer religião; da permanência ou não da mesma na modernidade, como também, foram desenvolvidas reflexões relativas ao papel da ciência, da tecnologia e da humanização e das ideias religiosas.

Outro aspecto que desperta a atenção nesse material literário é a marcante presença do caráter informal e provocativo assumido pelo autor que até a página trinta e um fez questão de partir de seu próprio dilema e expectativas para, depois, direcionar-se rumo à sociologia, à psicologia e à psicanálise a fim de desmontar e tentar recompor as principais peças que formam o quebra-cabeça religioso para entender melhor sua influência na vida em sociedade. Com essa intenção, primeiro, ele foi citando os motivos mais prováveis que levam a humanidade a possuir religiões. “A morte de Deus” trouxe a abertura da análise seguinte, mostrando que as certezas religiosas que pareciam ser eternas no mundo medieval foram substituídas por dúvidas à medida que o conceito de Deus era drasticamente substituído pela ciência que já estava elegendo seus próprios deuses que nada tinham a ver com aqueles que habitavam outrora, colocando muitos pensadores na

condição de simples expectadores do sepultamento daquela figura de Deus fabricada por uma hierarquia cristã que não se sustentava mais como no passado. Esse terreno movediço, mas bastante fértil trouxe diferentes sentimentos para abastecer aquele modelo de sociedade que surgia como resultado daquele choque entre a religião e a ciência. Com esse espírito, a emergente humanidade passou a cultivar a convicção de que as facilidades proporcionadas pelo progresso da ciência e tecnologia fossem a aposta para se conseguir a felicidade naquele tempo em que a liberdade de consciência parecia querer ensaiar seus primeiros passos. Perante todo esse clima de refazimento, outra humanidade era organizada e nela estava escrito que

Não foi Deus que morreu, mas o homem que um dia fez uso desta palavra para orientar-se no mundo. Por outro lado, isto significa que outro homem está se formando, um homem que vê com olhos diferentes, que busca horizontes diferentes.<sup>65</sup>

Essa atmosfera de sepultamento e renascimento simultâneos foi ditando outras formas de se compreender um novo mundo que estava até então submerso – o mundo do homem - que antes era rebaixado e sufocado dentro dos limites do universo teocêntrico. Alves dotado de uma lucidez intelectual que, muitas vezes, surpreende e inspira, observou que o evento da “morte de Deus” que para alguns filósofos como Freud, Marx e Feuerbach foi lido como uma necessidade histórica para que a humanidade se desenvolvesse foi se tornando razoavelmente aceita graças, inclusive, à visão de Nietzsche que via esse fenômeno como algo natural, uma promoção a mais, um grau de percepção conquistado pela consciência direcionando-a a sua maturidade.<sup>66</sup>

Sabe-se que o ser humano é constituído de elementos que vão muito além daquilo que se pode imaginar e a religião - um dos componentes culturais de um grupo socialmente construído reflete muito da complexidade que se acha nas consciências nos seus componentes. A própria religião tem ciência das contradições que perpassam por ela e independente do rótulo que cada qual possua, a expectativa psicológica que provém de sua força interfere em inúmeros tipos de superação que levam as pessoas a reagir positivamente, mesmo estando sob práticas opressivas na vida objetiva. As cartas de Dietrich Bonhoeffer, por exemplo, redigidas para amigos durante sua permanência na prisão foi outra lembrança que fez com que Alves se recordasse de sua experiência de cativo. Os conteúdos se cruzam numa retomada intertextual impactante focalizando a procura incansável de ambos por Deus no meio dos escombros produzidos durante o

<sup>65</sup> ALVES, 1984, p. 66-67.

<sup>66</sup> ALVES, 1984, p. 77-79.

funeral de sua falsa identidade. Tais pensamentos pareciam ter como meta preparar e alertar as gerações vindouras para o reconhecimento de um verdadeiro Deus – aquele vivo, totalmente antagônico àquele divulgado pelas religiões que vigoravam até então. O fato era que, no Ocidente, a religião era interpretada como uma ilusão que se mantinha por força de necessidades determinadas por condições que se prendiam à vida social.

Com base nesses pressupostos, a ciência continuava com suas críticas em relação a ela, incapaz de reconhecer que ela própria passava a desempenhar certas funções, que, em tempos anteriores, as religiões mais tradicionais executavam. Isso pode ser comprovado ao se investigar e constatar que um número considerável de profissionais que ocupam áreas relativas às ciências comportamentais, num pretérito de suas vidas, pretendia se fixar nas vocações religiosas, porém, convertidos pelos apelos sedutores da modernidade enquadravam-se em áreas relacionadas à lógica. Revelação de alta credibilidade ao discurso científico que colocava a razão como a única e decisiva opção detentora de poder, de status para aqueles novos tempos. Todavia, uma vez tendo preenchido o terreno que antes era povoado pela religião, a ciência demonstrou ser um daqueles elementos culturais que participavam de um fenômeno de revezamento histórico - algo já mencionado no final do capítulo anterior. Visto isso, das contestações contra a hierarquização da religião e dos estados de alienação produzidos por ela até o acontecimento que propiciou essa troca de poder entre ela e a ciência, ao classificar o bloco científico como mais uma daquelas fontes de exploração econômica com capacidade de perpetuar os abismos sociais através da presença de uma elite que, ao utilizar seus códigos aparentemente repletos de lógica e promessas de felicidade ocultava interesses nada vinculados ao bem-estar universal.

Ao se apropriar dessa característica de alternância, deve-se procurar compreender, até certo ponto, os “cadeados” que foram se estabelecendo em forma de acordos silenciosos que serviram de guia para os cientistas que os observaram talvez superficialmente, sem perceber, possivelmente, as limitações impostas aos mesmos.<sup>67</sup>

A consciência apreende, como pertencendo ao objeto, uma série de informações que embora pareçam provir dele, na realidade não se refletem às suas determinações. Ao olhar para uma flor ela me parece colorida, tem um perfume, contém um néctar adocicado, e quando o vento passa por ela ouço um leve ruído. A ciência se apressou a indicar que tais qualidades não pertencem realmente ao objeto.<sup>68</sup>

<sup>67</sup> ALVES, 1984, p. 93-95.

<sup>68</sup> ALVES, 1984, p. 89.

Mais adiante, ao se referir aos processos de mudanças tecnológicas foi destacada a questão da lentidão, que foi substituída pela eficiência total da velocidade direcionada à resolução das várias necessidades de um ser humano que começava a agir intencionalmente sobre a natureza, sobre o mundo, em franco trabalho de dominação. Nesse sentido, percebeu-se que todos esses avanços não ocorriam de forma neutra e não como meio para se obter os resultados esperados, mas como fins em si mesmos. Puro sistema que objetivava cuidar do sucesso operacional de seus exercícios bastante presos às intenções daqueles que usufruíam de seus arranjos instrumentais para satisfazer desejos específicos e não para beneficiar uma coletividade necessitada de melhorar suas condições de vida.

O efeito desse movimento colocava a imaginação e o espírito crítico desse novo ser de lado. Fato que desvalorizava e anulava o desenvolvimento da imaginação a serviço dos sonhos que fazem brotar a liberdade criadora tão importante para o aprimoramento cognitivo e emocional do indivíduo que se percebe como um ser em formação continuada rumo ao despertar e à lapidação de suas habilidades. Coniventes com essa ideologia estavam as filosofias capitalista e marxista que enxergavam essas ações como fruto de um progresso irreversível. Ambas, nesse quesito, deixaram para trás algumas divergências em nome de um denominador comum representado pela revolução tecnológica. Essa sociedade que estava em formação era movida por essa equivocada noção de progresso que se baseava somente nos avanços tecnológicos friamente manobrados por interesses do sistema e por assim serem considerados, desprovidos de quaisquer influências críticas de seus usuários, resultando numa restrição generalizada nas ações imaginativas que pudessem levar a outra realidade histórica e não represá-la a troco de uma falsa receita de modernidade.<sup>69</sup>

Chega-se ao ponto que se discutirá diretamente o trecho que reflete sobre o enigma que ronda a religião. Enigma que parece se perder no tempo, mas Alves chama a atenção para a ou uma das primeiras supostas experiências religiosas atravessadas pelo ser humano a partir do advento que se liga à evolução da espécie – do macaco já se metamorfoseando em homem e ampliando sua consciência para que pudesse perseguir as fontes de prazer que o levaria a enfrentar e tentar tornar a natureza fonte explorável para as realizações de suas vontades. A alteração da consciência – a conversão propriamente conhecida é um fenômeno que continua acontecendo sempre que o ser humano toma posse

---

<sup>69</sup> ALVES, 1984, p. 113-116.

de novas situações psicológicas que o faz negar veementemente algo que deixou de ter sentido para ele. É uma possibilidade que está sempre à disposição, classificando-se como um tipo de movimentação interna que faz parte da essência do mesmo. Vale acrescentar:

A realidade é mais complexa do que pensamos. Não nos encontramos sobre um plano unidimensional, que pode ser projetado ad infinitum, mas antes no ponto de interseção de uma infinidade de planos que se negam e se superam. Não é possível, portanto, manter-se a ideia de uma realidade totalmente previsível, racional.<sup>70</sup>

O volume se encerra com a preocupação de fazer com que se entenda melhor como se dá o fenômeno do misticismo, identificado por nosso teólogo como ‘a emigração dos que não têm poder.’<sup>71</sup> Ao se observar que a realidade é o resultado do trabalho de mãos e mentes humanas, percebe-se, às vezes, não tão imediatamente, como essas construções sociais são frágeis, limitadas e efêmeras diante dos mistérios da vida. Constatado isso, inevitavelmente surge uma desconfiança das certezas que nos são transmitidas pela cultura que se recebe ao passar a fazer parte de um agrupamento social. Esse risco de falsificação do real é que leva a consciência a reagir colocando tudo o que há de mais puro, natural, prazeroso e belo para ela em confronto com o que essa vida social fabricada tenta impor desprezando as condições e valores pessoais. Quando esse sentimento de desconfiança surge, há uma recusa involuntária que leva essa consciência a explorar alternativas. Alves, nesse sentido, esclarece, com base nesse fato, que a secularização e os avanços da ciência não possuem uma interpretação final dos fatos, pois há falta de instrumentalização adequada para tanto.<sup>72</sup> Ele também nos chama para que se atente para esse detalhe ao se procurar a dimensão do fenômeno religioso embutido nas consciências, que estão indiscutivelmente e sempre em construção, porque uma condição expressada pelos conhecimentos obtidos através do superficialmente apreendido por nossos sentidos, numa primeira impressão, não afirma definitivamente o que virá na continuidade de tal processo.

O si mesmo e os pertencimentos ideológicos sempre posicionaram o lugar do sujeito diante do mundo, mas os agenciamentos e as alteridades nos lembram que a subjetividade é elaborada de forma paradoxal, pelo fato, entre outras coisas, de que a alteridade é uma das questões fundacionais do eu.<sup>73</sup>

<sup>70</sup> ALVES, 1984, p. 158.

<sup>71</sup> ALVES, 1984, p. 165.

<sup>72</sup> ALVES, 1984, p. 168.

<sup>73</sup> BAKHTIN, 2003, p. 410.

### 2.2.3 O suspiro dos oprimidos

Em seguida, ainda na década de oitenta, Alves publicou *O suspiro dos oprimidos*, obra já explorada no capítulo inicial. Na sua predominância, ela procura trabalhar questões sobre a linguagem. Na realidade, ela discute os mesmos temas abordados em “O que é religião”, porém, com mais profundidade.

### 2.2.4 Pai Nosso

De uma maneira geral, suas obras foram deixando transparecer sua forma inovadora de fazer teologia. Escrevia, assim, sobre sua maneira de sentir esta vida e enxergar Deus. *Pai Nosso* – obra lançada em 1987 é uma das melhores representantes dessa fase denominada teopoética que se fez em forma de prosa e verso trazendo o conteúdo poético voltado para uma religiosidade trabalhada pelo coração, mas sem desmerecer a razão, os conhecimentos obtidos, inclusive na tradição.

Uma palavra sobe das funduras do nosso silêncio  
Inesperada,  
Impensada,  
Emissária de um mundo esquecido,  
Perdido:  
Suspiro,  
Nosso mistério,  
Nossa verdade,  
Oração.<sup>74</sup>

Outros momentos podem ilustrar bem essa fusão entre a religião e a arte literária: ‘...meu corpo nasceu e cresceu no interior dos olhos que o contemplam e que eu guardei dentro de mim...’<sup>75</sup>. ‘A mansidão precisa voltar...’<sup>76</sup> e ‘Tua face, nunca a vi. Só conheço as muitas faces da minha saudade.’<sup>77</sup> Demonstração de total confiança, certeza de quem reconhece que, no sentimento de ausência é que se acha a presença de Deus, seu rastro inconfundível, sensação transformada em sentimento. Esse seu Deus possui um olhar manso, que tudo entende. Nota-se que o lirismo se amplia à medida que ele testemunha uma fé incondicional que se materializa em forma de palavras. As páginas que se seguem permitem que o teólogo-escritor não deixe de advogar sobre o espaço destinado à imaginação em busca de lugares e momentos necessários à contemplação deste vazio,

<sup>74</sup> ALVES, Rubem. *Pai Nosso*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 9.

<sup>75</sup> ALVES, 2009, p. 19.

<sup>76</sup> ALVES, 2009, p. 20.

<sup>77</sup> ALVES, 2009, p. 26.

dessa incompletude que habita nos corações humanos que ele define tão bem como: ‘lugar bom para desejos e fantasias’.<sup>78</sup> As metáforas tão bem conduzidas foram utilizadas com domínio e comovem. Uma mostra desse poder de comoção está contida em trechos como este:

Nestes espaços invisíveis mora a nossa alma. Por entre eles ela voa, pela magia do desejo, acendendo arco-íris e fantasias, ligando as coisas soltas e distantes. Às vezes, transformando tudo em poemas. Outras vezes, em tapeçarias. Ou arranjando tudo à moda de canções.<sup>79</sup>

No decorrer da leitura, a figura de Deus é inserida numa relação de reciprocidade, amizade, amor, anulando qualquer anúncio de distância hierarquizada, de um Deus que pune, de um Deus severo e desumano que não entende as carências humanas, que vive somando as nossas faltas, um Deus-contador: ‘Prefiro um Deus mais fraco, crucificado, mas que amais intensidade que eu mesmo. O poder sem amor, não posso amar. Mas ao amor sem poder, a este poderei emprestar o pouco poder que tenho, meu próprio corpo, minha vida...’<sup>80</sup>

Material preenchido com despojamento e sabedoria de quem já passou por situações que o fizeram rever caminhos e conceitos quanto ao universo religioso. Nesse ritmo, Alves continuou suas meditações que tratam, na sua maioria, de temas relacionados à leveza que há na figura de um Deus-amor que se encontra diluída nas belezas espalhadas de forma concreta e/ou abstrata pelo mundo: pessoas, animais, plantas, objetos e sentimentos. Sua religiosidade tende à dimensão de sentido, pois se mostra através de um forte desejo, busca por algo ausente que deixou marcas e que vai se revelando de maneira solta, simples: ‘Nestes espaços invisíveis mora a nossa alma. Por entre eles ela voa, pela magia do desejo, acendendo arco-íris e fantasias, ligando as coisas soltas e distantes. Às vezes, transformando tudo em poemas. Outras vezes, em tapeçarias. Ou arranjando tudo à moda de canções.’<sup>81</sup> Nessa altura deve-se alertar que

A linguagem religioso-literária seria o excedente, que nasce da própria língua em suas muitas potencialidades. Talvez por isso a obra religioso-literária não deva ser considerada tão somente como representação de algo. Ela é estranhamento, de certa forma, e assim é por conta de sua capacidade de não ficar confinada aos jogos determinados mais pela linguística do que pela própria linguagem.<sup>82</sup>

<sup>78</sup> ALVES, 2009, p. 33.

<sup>79</sup> ALVES, 2009, p. 39.

<sup>80</sup> ALVES, 2009, p. 55.

<sup>81</sup> ALVES, 2009, p. 39.

<sup>82</sup> BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 362, 364.

Noutro momento, há uma exigência. Isso quer comunicar que há uma particularidade a mais quando se analisa uma obra que oferece à linguagem a religiosidade como conteúdo. Os jogos de linguagem não terão os efeitos esperados, como se percebe em textos de outra natureza. Ocorre uma desobediência linguística, uma capacidade explícita sobre a prática de um amor capaz de devolver a alegria para aqueles que a perderam: 'É preciso que o amor trabalhe sobre o espaço vazio. A folha de papel em branco, para o poema. O silêncio para a música. O tear sem nada, para o pano. Nestes vazios o amor vai transfigurando o mundo, para que haja sorrisos...'<sup>83</sup>

A figura de Deus fortemente metaforizada rouba a cena. O que se nota, predominantemente, é a relação de dependência estabelecida em todas as associações realizadas. Seu Deus é um Deus relacional. Sua condição de Pai não o impede nem o aprisiona numa situação hierárquica superior ao Filho. Mais adiante, Alves confessa:

Gostaria que minhas palavras fossem mágicas e que nada no universo se perdesse. Meus braços são pequenos demais para mágica tão grande, e o meu corpo se transforma então neste lugar sagrado, altar, onde este nome é pronunciado, símbolo da nossa esperança da juventude eterna do universo. E invoco o teu nome: Deus.<sup>84</sup>

Os sentidos. Aqui o que predomina além da linguagem poética é a função metalinguística – as palavras se dizendo, sendo escritas com intenções explicativas sobre si mesmas. Poesia? Oração? O que acontece é a exposição de uma espiritualidade alargada, experimentada por ele sendo algo tão intenso que parece fazê-lo encontrar com o que mais busca por alguns instantes. Êxtase. Comunhão. Profundidade alcançada. Oração. Pai Nosso!

Esperança: que haja olhos para acolher o luar, e que eles adivinhem as formas que se escondem nas nuvens, e os ventos brinquem com as pipas. Mas é preciso que os rituais e os sacramentos da morte sejam enterrados e os seus sacerdotes aprendam os risos da vida. O mundo é muito belo. É preciso que ele continue...<sup>85</sup>

A linguagem da esperança – uma das fortes características da teologia de Alves se revela inteira. Aparece de uma forma elaborada e direta ao mesmo tempo. Ele se dirige àqueles que, às vezes, não conseguem transformar seus discursos em prazer de viver, alegria, comunhão com as belezas presentes no mundo.

<sup>83</sup> ALVES, 2009, p. 40.

<sup>84</sup> ALVES, 2009, p. 76.

<sup>85</sup> ALVES, 2009, p. 156.

### 2.2.5 *Transparências da eternidade*

No ano de 2002, utilizando-se de uma coletânea composta de algumas de suas crônicas poéticas, Alves procurou numa delas conceituar novamente Deus, mas de uma forma que talvez só um poeta pudesse fazer, pois a ele são oferecidos ingredientes e permissão para defini-lo levando o significado do nome “Deus” às últimas consequências, aos últimos degraus que a inteligência humana pode alcançar para descrevê-lo. E assim, ele o descreve: ‘E Deus é esse Vazio sem fim, gamela infinita, que pelo universo vai colhendo e ajuntando toda a beleza que há, garantindo que nada se perderá dizendo que tudo o que se amou e se perdeu haverá de voltar, se repetirá de novo. Deus existe para tranquilizar a saudade.’<sup>86</sup>

Numa outra, apropriando-se de seus conhecimentos de psicanálise, ele fez uma análise comparativa entre o ato de orar e as sessões de terapia.

Hoje, vou escrever sobre a arte de rezar. Dirão que esse não é tópico que devesse ser tratado por um terapeuta. Rezas e orações são coisas de padres, pastores e gurus religiosos a serem ensinados em igrejas, mosteiros e terreiros. Acontece que eu sei que o que as pessoas desejam, ao procurarem a terapia, é reaprender a esquecida arte de rezar. Claro que elas não sabem disso. Falam sobre outras coisas, dez mil coisas. Não sabem que a alma deseja uma só coisa, cujo nome esquecemos.<sup>87</sup>

Percebe-se claramente que há uma procura crescente por esse “antigo” recurso chegando até onde a ciência conseguiu se fixar para cuidar dos desequilíbrios que se mostram em relação ao comportamento do ser humano moderno. O teólogo-terapeuta deixa transparecer a necessidade do ser humano reativar esses momentos silenciosos para que ele resgate o valor de se viver e perceber a natureza de seu ser diante da ligeireza do tempo que tudo arrasta e transforma sem que se perceba, muitas vezes.

Em outra ocasião, ele parece responder a uma entrevista, realizando um balanço de sua peregrinação religiosa. Aqui estão algumas de suas ideias mais valiosas: quanto à Bíblia, ele declarou ter grande conhecimento e amor a ela dizendo que era um poema que lhe levava alívio, consolo e fazia dele um ser humano melhor. Porém, advertia sobre a diferença entre as possíveis interpretações desse poema e o que realmente Deus pensa. Nesse particular, ele redigiu: ‘O que escrevo é a minha interpretação, tão problemática quanto qualquer outra.’<sup>88</sup> Em relação à fé, segundo ele, tudo também dependia da leitura de

<sup>86</sup> ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. 4. ed. Campinas: Verus, 2002, p.17.

<sup>87</sup> ALVES, 2002, p. 53-54.

<sup>88</sup> ALVES, 2002, p. 78.

cada um passando pela questão crucial da confiança. No seu caso, assumia que sua confiança em Deus era tamanha que não precisava de recompensas para se manter e disse mais:

Acho que Cristo enche todos os espaços do universo. Lutero falava da ubiquidade do corpo de Cristo e dizia que ele está presente até na menor folha, muito embora nas folhas o nome dele não esteja escrito. Quem ama uma folha ama Cristo. Quem tem amor respira Cristo, mesmo que não fale o nome dele.<sup>89</sup>

Ele defendia assim a ideia da consciência comandando nossas mais íntimas intenções. Segundo ele, o nome que isso vai receber vai se tornando tão insignificante quando se constata, na rotina diária, que esse nome trata somente de um detalhe, um acessório que cada tradição se esforça para dar manutenção e se resguardar. Sobre sua relação com o cristianismo ele disserta:

Hoje, as ideias centrais da teologia cristã em que acreditei nada significam para mim: são cascas de cigarra, vazias. Não fazem sentido. Não as entendo. Não as amo... mas, há algo no cristianismo que é parte do meu corpo... Sou cristão porque amo a beleza que mora nessa tradição. As ideias? Chiados de estática, ao fundo...<sup>90</sup>

O recorte acima serve para reafirmar a posição assumida por Alves que passou a negar alguns fundamentos da tradição cristã como a presença de seu tom predominante de superioridade e formalidade para projetar a sua teologia que teve como base a simplicidade, a ideia de um Deus manso, compreensível e sua liberdade criadora passou a se desdobrar em três vias: a primeira encontra-se na raiz comum entre a fé e a poesia que partem do silêncio interior de onde sai a inspiração para materializar os anseios e emoções da humanidade. O corpo passa a ser contemplado como um lugar sagrado, um instrumento que possibilita a busca por tudo que é capaz de trazer satisfação às pessoas. Já, a terceira ideia que é um dos eixos centrais dessa teologia, coloca não só nos horizontes, mas, em todas as etapas das lutas humanas, a beleza como peça de primeira grandeza que motiva a visão dos caminhantes, fortalecendo-os para aproveitar e conquistar seus sonhos de felicidade, independentemente do tamanho das dificuldades para se obter o que tanto procuram<sup>91</sup>.

<sup>89</sup> ALVES, 2002, p. 78-79.

<sup>90</sup> ALVES, 2002, p. 131-132.

<sup>91</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 219-222.

Retomando seu ponto de vista em referência àquilo que o toca na tradição cristã e seus pertences, ele concluiu: ‘...amo, na Igreja, tudo aquilo que saiu das mãos dos artistas... Deus é beleza.’<sup>92</sup>

Se para Feuerbach, a religião é sinônimo de alienação da consciência; se para Marx é uma espécie de discurso que promove a legitimação de relações sociais desiguais; se para Freud, ela é uma ilusão; o que pensar do conceito dado por Alves? Será que ele ousou conceituá-la?

O prazer não pode ser descrito. Não pode ser colocado dentro de gaiolas de palavras. Não sobrevive na sala de aulas. O fim da epistemologia... Epistemologia é um discurso que cresce de um conhecimento que existe na dor da distância, quando o sujeito e o objeto estão condenados à separação, somente ligados pelos truques de luz. Mas quando os olhos estão fechados e não podem ver, e a boca prova a comida, todas as dúvidas se vão. ‘Como, portanto sou’... Explicações não são necessárias.<sup>93</sup>

O que ainda se pode esperar de um teólogo que aprendeu a respeitar e lutar pela liberdade de consciência, que valorizou muito a vida presente e as artes e, conseqüentemente, a pluralidade cultural; que deu ao corpo o valor que ele merecia, sem se esquecer de nos alertar sobre o valor das conquistas espirituais e que, como poucos, percebeu a educação como o processo mais confiável para sensibilizar e humanizar as pessoas?

Antes de responder a essa pergunta, é necessário lembrar que sua teologia foi o resultado de um trabalho intelectual profundo e que o mesmo tinha motivos suficientes para não desenvolvê-la, devido a uma grande frustração, ocorrida justamente no campo religioso que o levou até a se distanciar de seu país, deixando família, carreira e amigos, mas que, contrariando algumas previsões, foi capaz, de motivá-lo na direção de suas reflexões a respeito daquilo que continuava desafiando sua inteligência e sensibilidade em relação à importância e influência da religião na vida do ser humano. Ainda nesse campo de ideias, ressalta-se que:

Se a linguagem é expressão de uma silenciosa estrutura cultural, política e econômica, então, cada texto está estruturalmente produzido, rodeado e sustentado por um silêncio. Na literatura latino-americana, esses silêncios não estão vazios, e sim repletos de sons que manifestam tanto uma história de violência como uma história da própria linguagem criativa do povo.<sup>94</sup>

<sup>92</sup> ALVES, 2002, p. 70.

<sup>93</sup> ALVES, 1992, p. 82.

<sup>94</sup> NOGUEIRA, 2015, p. 323.

Nessa expectativa da resposta ao questionamento expresso no parágrafo anterior, será construído o próximo capítulo. Mas, antes, leia este poema:

Sem que eu soubesse  
As correntes do rio profundo  
foram mais generosas  
que o meu remar contra elas.  
não cheguei onde planejei ir.  
Cheguei, sem querer,  
onde meu coração queria  
chegar, sem que eu soubesse.<sup>95</sup>



---

<sup>95</sup> ALVES, Rubem. *Um ipê-amarelo, uma paineira-branca*: poemas encontrados na prosa de Rubem Alves. Americana, SP: Adonis, 2014, p. 65.

### 3 O ENSINO RELIGIOSO E A TEOLOGIA ALVESIANA

Nesta última etapa do trabalho, será estabelecida uma espécie de diálogo entre os conteúdos do referencial teórico para o Ensino Religioso e a teologia idealizada por Rubem Alves.

#### 3.1 O Ensino Religioso em foco

De tempos em tempos, os conceitos educacionais são convidados a revisar a sua data de validade e os seus padrões de qualidade, as suas metodologias, a sua matriz de valores. Os estudos mais recentes sobre a prática educacional confirmam que se veja o ser humano como um ser inacabado, cobrador insistente de novas metodologias e objetivos que acompanhem seu crescimento diário que se dirige para o despertar contínuo e harmônico de suas habilidades e pontos de expansão. Entender e levar outros profissionais da educação a administrar positivamente esse dado é uma tarefa que exige compromisso e perseverança.

O que acontece realmente é que enquanto se vive, as carências humanas vão se alterando e, geralmente, as pessoas não percebem ou custam a perceber que as necessidades de um período não são as mesmas de outro e demoram a perceber que as normas internas que trazem, muitas vezes, já se tornaram obsoletas diante da presente realidade em que se encontram. Essas regras que conseguem sustentar, por um tempo, os pensamentos que carregamos recebe o nome de paradigma e, na maioria das vezes, é recebido como um tipo de padrão de comportamento.<sup>96</sup> Thomas Khun<sup>97</sup> os associou à revolução tecnológica e à reação dos cientistas perante as descobertas. Segundo ele, os mesmos: ‘agem como filtros a ideias novas; não reconhecem as exceções à regra, dão acesso fácil aos dados já conhecidos e quando eles mudam, tudo volta a zero’<sup>98</sup>

Outro que trabalhou exaustivamente esse tema foi Joel Baker<sup>99</sup> que se incumbiu de observar os efeitos trazidos pelo apego às ideias ultrapassadas e os prejuízos causados por uma dificuldade de aceitação de uma nova forma de pensar e agir que partiu das circunstâncias próprias de cada época. Para ele, os paradigmas são comuns, porque queiramos ou não, eles estão diretamente ligados ao progresso da humanidade. Ele se

<sup>96</sup> CAMARGO, Jason de. *Educação dos sentimentos*. 6. ed. Porto Alegre: Editora Letras de Luz, 2004, p. 134-135.

<sup>97</sup> KHUN, Thomas S, 1996 apud SILVA (Org.), 2004, p. 9.

<sup>98</sup> CAMARGO, 2004, p. 135-136.

<sup>99</sup> BAKER, Joel apud CAMARGO, 2001, p. 136.

mostra como algo que se não for assimilado, poderá obstruir caminhos que levem os indivíduos a vivenciar e crescer a partir do conhecimento de outros objetos, de outras situações de aprendizado que poderão ampliar seus horizontes em inúmeros aspectos. O grande desafio é fazer com que os indivíduos exerçam a capacidade de mudar seus posicionamentos diante de novas exigências. Ele é defensor da ideia de que

O progresso foi sempre realizado pela ousadia daqueles que acreditavam que era possível fazer. Encheram-se de coragem e caminharam na direção o futuro. Os temerosos agarram-se aos paradigmas conhecidos, evitando o novo e, com isso, retardam seu próprio crescimento.<sup>100</sup>

Mas, como realizar essas modificações a partir da consciência de que somos o que nossos pensamentos fazem de nós? A reincidência de atitudes negativas faz com que os sofrimentos se solidifiquem dentro de nós. O trabalho de alteração da consciência tem como objetivo se desfazer do que não corresponde mais às demandas que se tem. O que mais impressiona nos estudos de Khun é o fato de ele ter observado que, ao mudarmos de paradigmas, recomeçamos a perceber a vida com outro grau de compreensão. O cérebro passa acessar outros tipos de informações que ampliarão a maneira de enxergar e interagir diante do que nos acontece. Por isso é necessário saber que a ciência moderna trouxe mudanças e uma delas está relacionada à linguagem dos paradigmas que, na sociologia, se prende à cultura com todos os seus valores, credences e ensinamentos que são passados entre as gerações.

Quando se esgota um ciclo, acontece uma radical alteração que vai desde a área científica até a vida social de uma coletividade específica. Essa realidade fica bem visível quando, ao se tomar o paradigma denominado “aristotélico-tomista”, observarmos que na concepção de Platão<sup>101</sup> existem dois mundos: um perfeito e outro imperfeito; um superior e outro inferior, um espiritual e o outro material e que esse último é totalmente subordinado ao primeiro. Já, na ótica de Santo Agostinho<sup>102</sup>, o ser humano é formado por corpo e espírito e só alcançará a perfeição se for se desfazendo de toda a materialidade para adquirir a espiritualidade que possibilitará a conquista da felicidade plena.

Para São Tomás de Aquino<sup>103</sup>, a filosofia e a teologia deveriam estar em franca sintonia e ao retomar Aristóteles, procurou fundir fé e razão convivendo harmoniosamente num mundo limitado, fechado e perfeito que elegeu o planeta como seu núcleo e o ser

<sup>100</sup> CAMARGO, 2004, p. 136.

<sup>101</sup> PLATÃO, apud SILVA (Org.), 2004, p. 10.

<sup>102</sup> AGOSTINHO, apud SILVA (Org.), 2004, p. 10.

<sup>103</sup> AQUINO, apud SILVA (Org.), 2004, p. 11.

humano como a mais excepcional obra produzida pelo Criador. Porém, a predominância do modelo platônico foi a que se propagou. Ainda nesse paradigma, encontra-se a teoria teocêntrica colocando o ser feminino numa classificação simplesmente inferior ao homem, desprovida de direitos, submissa, mais sensível e menos racional. Com essa perspectiva, a teologia do catolicismo invadiu o Velho Continente e em conjunto com a filosofia argumentavam que as realizações humanas deviam estar em total cumplicidade com os preceitos de Deus. Essa visão se refletiu na política e na área social. Nesse cenário, transplantou-se a cultura europeia no País e com ela a religião cristã com o objetivo de converter, primeiramente, os nativos e os negros vindos da África. A partir desse episódio, a educação e a religião passaram a ter uma relação intensa. A ideia de que dois mundos, um superior e eterno e outro imperfeito e perecível, valeu-se até o final da Idade Média. Sua maneira de fazer ciência partia do uso da razão para interpretar os fatos. Registros mostram que ele elegeu o método racional-dedutivo como meio de garantia para se chegar ao conhecimento tido como verdadeiro.

### **3.2 O Ensino Religioso no Brasil a partir das Constituições**

Nesta seção, será realizada uma síntese da história do Ensino Religioso no País a partir das Constituições para se verificar os principais avanços obtidos até o ano de 1988 focalizando, brevemente, os contextos relacionados a cada uma delas.

#### **3.2.1 A Constituição de 1824**

A primeira delas que foi outorgada em 25 de março de 1824. Havia nela a influência explícita do liberalismo francês, mas com pontos predominantes ditados diretamente pelo imperador. A transplantação da vida cultural e religiosa ibérica em solos brasileiros tornou-se a realidade da época e uma das incumbências do imperador era escolher bispos e manter materialmente a Igreja. Ao aprovar a Constituição “em nome da Santíssima Trindade”, o mesmo governante indicava sua oficialização. Mas, apesar desse acontecido, no cotidiano, a situação que a Constituição experimentava mostrava perda de rigidez, o que trouxe a oportunidade de se lutar pela liberdade religiosa, pois permitia que os cultos de outras denominações se fizessem, embora fora dos templos que se situavam em lugares públicos, sendo pouco provável, infelizmente, que esse recurso se referisse às religiões dos escravos e índios. Mas algumas comunidades já conseguiam obter licenças

para a construção de seus templos como ocorreu com a igreja anglicana no Rio de Janeiro. Além dessa abertura, o direito de cidadania era dado àqueles que desejavam se naturalizar; o que lhes dava direito ao voto, mas não de serem votados caso não assumissem a religião oficial do Estado; quesito que revelou que, na verdade, tratava-se de um privilégio concedido a alguns, mas não um direito adquirido. Esse fato ocasionou sérias dificuldades aos imigrantes a partir de 1824. Alemães, suíços e franceses tiveram de se ajustar às exigências da legislação vigente ao realizar seus cultos em particular. No sul e no sudeste, inclusive, os protestantes já se organizavam e mantinham espaços onde abrigavam desde escolas até cemitérios.<sup>104</sup>

Outro fator que diminuiu a preponderância da Igreja Católica foi a presença da maçonaria com seus sonhos de liberdade que inspiraram as revoltas que levaram à Proclamação da República, sem olvidar das ideias trazidas pela juventude elitizada brasileira que, ao retornar de seus estudos na Europa, especialmente, na França, chegava repleta daqueles pensamentos que traduziam ideais de liberdade e fraternidade numa proporção tal que deu margem para que um novo contexto se firmasse e chamasse a atenção dos americanos que vieram residir aqui com interesses nitidamente proselitistas, planejados a partir de eventos missionários internacionais que divulgavam certa ineficiência relacionada ao projeto de evangelização liderado pelos representantes de Roma no Brasil.<sup>105</sup>

### **3.2.2 A Constituição de 1891**

Promulgada em 24 de fevereiro de 1891, a Constituição seguinte já contava com o ambiente preparado para os desdobramentos naturais emergidos por aquelas influências europeias que estavam se efetivando em terras nacionais e que tiveram o poder de introduzir o Brasil no sistema capitalista mundial, ao mesmo tempo em que se mantinham, por conveniência, os produtores de café em suas transações comerciais. A questão do voto encaminhou-se para uma abertura, contudo, assegurava ainda algumas exceções diante da intenção da esperada universalização do ato de votar. Vale mencionar, que naquela Carta de Leis, o nome recebido pela nação era “República dos estados Unidos do Brasil”, indicando claramente o grau de influência cultural que já se absorvia dos norte-americanos.

---

<sup>104</sup> REIMER, Haroldo. *Liberdade Religiosa na História e nas Constituições do Brasil*. São Leopoldo: Oiko, 2013, p. 53.

<sup>105</sup> REIMER, 2013, p. 54-55.

Os direitos humanos davam um passo considerável ao garantir aos cidadãos brasileiros o *habeas corpus* e a separação da Igreja.

Outro fato que teve sua grande significância foi a participação concreta do pensador Rui Barbosa que deixou sua interferência assinalada nesse segundo texto constituinte. A liberdade religiosa fazia parte de seu repertório de lutas. Por conta disso, ainda em pleno governo provisório republicano, essa separação entre estado religioso e estado civil já estava contida no Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890 que funcionou como um ponto para se aprofundar na Constituição republicana oficial que veio logo a seguir.

Essa, por sua vez, assumiu uma posição de neutralidade retirando da Igreja Católica o papel de protagonista da religião do Estado, o que fez com que a mesma perdesse os benefícios financeiros que eram patrocinados pela arrecadação pública. Embora, nos bastidores, aqueles recursos continuassem existindo como vínculo de troca de interesses entre as duas instituições.<sup>106</sup> Toda essa mudança exigiu uma reestruturação administrativa para que as prestações de serviço à população ganhassem outro direcionamento e estivessem em consonância com aquelas recentes resoluções amparadas na Constituição em vigor. A implantação de cartórios de registros, a obrigatoriedade do casamento civil que passou a ser de responsabilidade do Estado que o proporcionava de forma gratuita à população, a laicidade no ensino público, todas essas medidas criaram uma atmosfera que apontava para a conquista de direitos e o alcance de ações que expressassem algo trazido por aqueles aperitivos de liberdade que já pareciam abrir caminhos para algo bem maior.<sup>107</sup>

Contudo, assim como os direitos humanos foram formulados de forma ideal com pretensão universal, os dispositivos constitucionais referentes à liberdade religiosa tardariam a se configurar na realidade, especialmente levando em consideração que o país ainda se valia do modo de produção escravagista, impedindo essas pessoas em situação de escravos de poder gozar do benefício do *caput* do Artigo 72, quando o direito à liberdade ainda não estava universalmente assegurado.<sup>108</sup>

Em 1926, essa Constituição sofreu ajustes e reforçou o poder executivo. Depois, com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas assume como presidente no lugar de Júlio Prestes, presidente que havia ganhado nas eleições daquele ano corrente.

<sup>106</sup> REIMER, 2013, p. 55-56.

<sup>107</sup> REIMER, 2013, p. 56.

<sup>108</sup> REIMER, 2013, p. 57.

O Decreto assinado por ele reintroduz o Ensino Religioso nas escolas da rede pública de caráter facultativo. A reação popular foi imediata se mostrou através do lançamento da Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, formada por líderes das várias denominações religiosas do País, como também, por artistas e intelectuais que defendiam a mesma posição. Eis o documento que decretou a decisão do governo:

Art. 1º Fica facultado, nos estabelecimentos de instrução primária, secundária e normal, o ensino da religião.

Art. 2º Da assistência às aulas de religião haverá dispensa para os alunos cujos pais ou tutores, no ato da matrícula, a requererem.

Art. 3º Para que o ensino religioso seja ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino é necessário que um grupo de, pelo menos, vinte alunos se proponha a recebê-lo.

Art. 4º A organização dos programas do ensino religioso e a escolha dos livros de texto ficam a cargo dos ministros do respectivo culto, cujas comunicações, a este respeito, serão transmitidas às autoridades escolares interessadas.

Art. 5º A inspeção e vigilância do ensino religioso pertencem ao Estado, no que respeita a disciplina escolar, e às autoridades religiosas, no que se refere à doutrina e à moral dos professores.

Art. 6º Os professores de instrução religiosa serão designados pelas autoridades do culto a que se referir o ensino ministrado.

Art. 7º Os horários escolares deverão ser organizados de modo que permitam os alunos o cumprimento exato de seus deveres religiosos.

Art. 8º A instrução religiosa deverá ser ministrada de maneira a não prejudicar o horário das aulas das demais matérias do curso.

Art. 9º Não é permitido aos professores de outras disciplinas impugnar os ensinamentos religiosos ou, de qualquer outro modo, ofender os direitos de consciência dos alunos que lhes são confiados.

Art. 10. Qualquer dúvida que possa surgir a respeito da interpretação deste decreto deverá ser resolvida de comum acordo entre as autoridades civis e religiosas, a fim de dar à consciência da família todas as garantias de autenticidade e segurança do ensino religioso ministrado nas escolas oficiais.

Art. 11. O Governo poderá, por simples aviso do Ministério da Educação e Saúde Pública, suspender o ensino religioso nos estabelecimentos oficiais de instrução quando assim o exigirem os interesses da ordem pública e a disciplina escolar.<sup>109</sup>

### 3.2.3 A Constituição de 1934

Em sequência, os políticos de São Paulo, principalmente, pertencentes ao setor do café em conjunto com os tenentes deflagraram a Revolução Constitucionalista de 1932 que tinha como meta buscar novas eleições. Depois de um ano, a Assembleia Constituinte ficou responsável por redigir a nova Constituição em 16 de julho de 1934 que nascia junto com o crescimento do setor industrial brasileiro.<sup>110</sup>

<sup>109</sup> BRASIL, Dec. Nº 19.941. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 11 dez. 2016.

<sup>110</sup> REIMER, 2013, p. 58.

Ao se procurar seguir as mudanças mais relevantes ligadas à liberdade religiosa com suas repercussões, observa-se que o Ensino Religioso foi introduzido nas escolas públicas brasileiras durante a vigência dessa Carta Magna meio a calorosas discussões entre a ala liberal e departamentos da Igreja Católica que objetivavam inseri-lo para preencher o conceito educacional e religioso que defendiam desde a Constituição imperialista de 1827.

Art 153 - O ensino religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais.<sup>111</sup>

### **3.2.4 A Constituição de 1937**

Ela surge e coloca o presidente no centro do poder, não respondendo às considerações dos demais poderes e de seus partidos como forma de enfrentar os movimentos sociais e os comunistas. Na prática, houve inúmeras intervenções por causa dessas ideias contrárias aos interesses governamentais. Quanto à questão da educação, o Artigo 133 trata o Ensino Religioso de uma forma diferenciada se comparado ao que já foi declarado sobre ele nas Constituições passadas, pois, nesta, a forma do verbo “poderá” indica a não obrigatoriedade do mesmo nas escolas da rede pública.

O Ensino Religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.<sup>112</sup>

### **3.2.5 A Constituição de 1946**

Nesse conjunto de leis, tentou-se resgatar o ideal constitucional da era moderna. Permaneceu a condição de se manter a ordem pública e os bons costumes. A religião católica continuava a ser o referencial. Foi destaque no Capítulo II a educação no lar e, nas instituições de ensino, basearam-se nos pensamentos de liberdade e solidariedade entre as pessoas. Em consequência disso, o Ensino Religioso manteve-se confessional nas escolas públicas. Na mesma época, houve o golpe militar de 1964. Nesse cenário, registrou-se o seguinte:

<sup>111</sup> BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, 1934*. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/civil>> Acesso em 11 dez. 2016.

<sup>112</sup> REIMER, 2013, p.65.

Art.168, V - o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.<sup>113</sup>

### 3.2.6 A Constituição de 1967

Com a Constituição de 1967, a separação entre Estado e Igreja permaneceu. Há necessidade de se lembrar de que o golpe militar contou com a parceria não só dos católico-romanos, mas também, de alguns protestantes. Chama à atenção a expulsão de alguns líderes presbiterianos que se posicionaram a favor da liberdade. Esse rompimento chegou a dar origem a uma nova igreja presbiteriana. Com os católicos, o que se procedeu foi uma fragmentação dentro da própria igreja, entretanto, aquele grupo de teólogos que não concordava com aquela situação foi desligado daquelas instituições ou colocados à distância de suas cúpulas de poder. Nesse clima de imenso conflito, foi gerada a Teologia da Libertação com lideranças que atravessaram o Atlântico. As figuras de Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez e Rubem Alves se destacaram nesse movimento que procurou reviver a essência do cristianismo através de uma retomada avançada de consciência frente às desigualdades sociais abismais que presenciavam enquanto lutavam pela concretização do espírito democrático capaz de assegurar os direitos humanos. Posto isso, nota-se que aqueles atos institucionais feriram diretamente os direitos humanos. Um excelente exemplo disso foi a suspensão do direito de ir e vir – o *habeas corpus*.<sup>114</sup>

Em 1969, mais precisamente em 17 de outubro daquele ano, essa Constituição passou por profundas modificações, mas quanto à liberdade religiosa, não houve mudanças. O que se alterou foi o funcionamento do sistema do Estado no que diz respeito às definições constitucionais que puderam viabilizar melhor as ações que os militares precisavam praticar para atingir seus objetivos. Ao se deslocar para o ano de 1985, o falecimento do presidente Tancredo Neves tornou-se um marco histórico. Quem o substituiu foi José Sarney, por intermédio de uma Emenda Constitucional. Pouco tempo depois, a Assembleia Nacional Constituinte se reuniu com a intenção de se elaborar um novo texto para satisfazer as novas necessidades sociais que deveriam ser contempladas – a Constituição de 1988.<sup>115</sup> Mas, antes, convém ratificar como foi redigido o texto que manteve tal resolução naquele final da década de sessenta: ‘Art. 168, IV - o ensino

<sup>113</sup>BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, 1946*. <isponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao46.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao46.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

<sup>114</sup>REIMER, 2013, p. 71-72.

<sup>115</sup>REIMER, 2013, p. 73.

religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio.’<sup>116</sup>

### 3.2.7 A Constituição de 1988

Embora alguns avanços conseguidos na Emenda de 1969, esse novo conjunto de leis de 1988 realizou um trabalho que merece destaque pelo fato de ter mobilizado a opinião pública a ponto de conseguir depositar no corpo do texto constitucional solicitações que nasciam de legítimas solicitações do povo. No documento, era assegurada a liberdade religiosa. A preocupação com a dignidade humana esteve presente em seu preâmbulo e a Igreja Católica manteve-se como referência oficial resultante da força de um passado histórico que transplantou em solo brasileiro a cultura dos colonizadores. Ligada a essa ação, a religião marcou seu território, deparando-se com uma vasta variedade de outras denominações que foram se espalhando pelo Brasil, sendo que, oficialmente, a vinda da matriz judaico-cristã formou o traço predominante do cenário religioso brasileiro.

117

A liberdade de consciência e suas ramificações foram os grandes progressos vistos nesta abordagem em forma de lei. Quanto ao Ensino Religioso, encontra-se no Artigo 210, Parágrafo 1º que, seguindo as outras constituições brasileiras, foi protegido com matrícula facultativa e fazendo parte das áreas de conhecimento das escolas que ofertam esse tipo de ensino na rede pública. Mais adiante, um acordo entre o Brasil e o Vaticano abriu nova discussão ao regular novamente essa disciplina relacionando-a à modalidade confessional, possibilitando também que esse recurso atingisse todas as outras religiões. O Acordo foi oficializado apesar de algumas entidades como o Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, por exemplo, terem tecido críticas relativas aos efeitos negativos que o mesmo poderia acarretar. Porém, ele foi promulgado portando, já estrategicamente, dificuldades legais para ser revisto, segundo Reimer.

Com base nessas informações, percebe-se que a liberdade religiosa no País ainda é tema de debate. Uma das justificativas que ainda sustenta essa situação pode estar no fato de que um período demasiadamente grande em companhia de uma mesma fonte

<sup>116</sup> BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, 1967. Disponível em:*

<[http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/Constituicao/Constituicao67.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm)>. Acesso em: 11 de dez. 2016.

<sup>117</sup> REIMER, 2013, p. 79-80.

transplantada possui o poder de conservar raízes compreensivamente profundas. Movimentações de recuo chamam a atenção, mas nossa própria história sinaliza que membros bem intencionados da sociedade estão atentos e lutam para reverter esse dilema.<sup>118</sup> Os estudos culturais encontram ressonância na análise teológica da cultura, uma vez que ambas as perspectivas levam em conta a complexidade de toda e qualquer realidade, assim como as dificuldades inerentes à linguagem para que as ideias sejam expressas e para que as visões de mundo sejam criadas.<sup>119</sup>

Depois do acompanhamento das decisões tomadas em cada constituição brasileira no que se refere à oferta do Ensino Religioso pelo Estado, constata-se que esse tipo de disciplina, ao longo da história brasileira sempre foi motivo de impasse, possivelmente, porque tenha sido oficialmente introduzido nas escolas num momento histórico muito conturbado – 1934 – período em que a Igreja e Estado, embora separados teoricamente, estavam juntos, um dando suporte ao outro para que ambos não perdessem seus espaços demarcados. Daqueles anos para nossos dias, muito se fez para que essas duas instituições avançassem no entendimento da essência das questões levantadas, mas alguns fatores ainda retardam esse entendimento. Com essa intenção, serão desenvolvidos, a partir de agora, alguns pensamentos que poderão cooperar nesse processo de entendimento, porém, antes de se prosseguir, interessa observar o que a legislação de 1988 assegurava quanto ao Ensino Religioso:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.<sup>120</sup>

### 3.3 O Ensino Religioso e a Teologia Alvesiana

Será realizada uma leitura comparativa entre os conteúdos contidos nesses dois materiais teóricos a fim de verificar se existe, de fato, a possibilidade de um diálogo enriquecedor entre ambos que seja capaz de transformar aulas em sessões que promovam o desenvolvimento de habilidades que consigam levar os alunos à prática de ações positivas capazes de transformar o meio onde vivem num lugar melhor para se conviver e se

<sup>118</sup> REIMER, 2013, p. 102-105.

<sup>119</sup> NOGUEIRA, 2015, p. 257.

<sup>120</sup> BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, 1988*. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/)>. Acesso em 11 dez. 2016.

realizar. Para concretizar melhor essa atividade será preciso retornar à questão dos paradigmas.

Os paradigmas aristotélico-tomista e cartesiano-galileano não satisfaziam mais as expectativas dos novos tempos. Nem o Estado Religioso, nem o Estado Civil conseguiram evitar o conflito instaurado na consciência de uma humanidade que renascia. Parecia já haver o entendimento de que tanto a fé como a razão isoladas não conseguiam dar solução a todos os problemas e que todos os conhecimentos deveriam ser canalizados para ativar a democratização dos grupos sociais que lutam por um processo de globalização alternativa. O pensamento racional mostrou sua impotência para resolver sozinho certas situações e se reconheceu a importância da educação emocional para a formação de qualquer ser humano. Colocadas essas considerações, fica mais nítida a aceitação de que a crise desses modelos que levam as pessoas a conceber ideias, ter atitudes e montar suas identidades na condição de estarem inseridas dentro de uma situação socialmente construída possa levar a uma mudança de posição ao longo do tempo fazendo com que se os indivíduos possam renovar e ampliar suas ideias.<sup>121</sup>

O Ensino Religioso passou a ser entendido como uma área de conhecimento capaz de auxiliar, e muito, no desenvolvimento integral das pessoas. Ele passou a ser visto como um dispositivo que pretende levar o ser humano a se reconhecer e se fazer como o sujeito de sua própria história enquanto recebe conhecimentos que o ajudam a compreender melhor o seu mundo interior e o exterior que lhe é dado. Essa nova proposta para o Ensino Religioso tornou-se oficialmente legal a partir do texto atual do art. 33 das Leis de Diretrizes e Bases da Educação. O fragmento seguinte justifica o porquê da mudança:

não tem mais sentido, na escola pública, ensinar única doutrina religiosa, tentar convencer o educando de que determinada religião detém toda a verdade de salvação. Líderes de diversas denominações religiosas começam a discutir o problema buscando propor um Ensino Religioso que dê resposta à diversidade das crenças, em síntese, que seja interconfessional e até transconfessional<sup>122</sup>.

A referida lei firma que o mesmo faz parte do processo de formação básica do cidadão brasileiro. O respeito à diversidade cultural religiosa é assegurado e ficam proibidas quaisquer formas de proselitismo. A concepção antropológica deve ser a forma adequada de se lidar com essa modalidade de ensino nas instituições mantidas pelo Estado. Esse modo de se ler o atual componente parece facilitar a interdisciplinaridade no sentido

<sup>121</sup> SILVA, Valmor da. (Org.). *Ensino religioso: educação centrada na vida: subsídio para a formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>122</sup> SILVA, 2004, p. 25.

de cooperar na integração real de todas as demais disciplinas que compõem o currículo do Ensino Fundamental. Ele deixou de ser uma disciplina à parte e instalou-se como um tipo de saber que pode despertar nos educandos um interesse sincero pela vida e por tudo que pode ser construído positivamente a partir dela. Ele deve estar totalmente em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Compete aos docentes certificarem-se de que esses ensinamentos contêm uma nova mentalidade de convivência.

### **3.3.1 Da teoria à prática na sala de aula**

Como os professores podem aproveitar melhor a experiência de vida e a obra desse teólogo nas aulas de Ensino Religioso? Quais as características mais marcantes de sua teologia que podem contribuir para a formação dos adolescentes?

Essas informações precisam ser mais buscadas no ambiente educacional, embora, em algumas situações, são até combatidas pelas mesmas, trazendo fortes reações. Além disso, existem ainda, aqueles professores que alimentam ideias que se remetem às exigências da vida adulta, deixando de lado tudo o que gira no tempo presente: habilidades, construção da identidade de seus alunos, carência afetiva e valores que devem ser absorvidos. Numa obra realizada em parceria com Alves sobre questões que envolvem a formação de valores, Antunes declara que tanto os pais quanto alguns profissionais ligados à educação estão convencidos de que as condutas que eles dão como corretas, satisfatoriamente éticas são transmitidas normalmente aos filhos pela arte da convivência. Ele, porém, discorda dessa teoria e escreve:

Acho que ensinar valores envolve momentos explícitos e espaços definidos. Guardando-se as devidas proporções, porque há uma grande diferença, creio que assim como o ensino de conceitos ou conteúdos conceituais sobre história, geografia ou ciências envolve um momento, um aparato e uma circunstância determinados, a mesma coisa, penso, ocorre com o ensino da honestidade, da bondade, da solidariedade, entre outros tantos valores.<sup>123</sup>

Certas escolas não se atentaram ainda para essa urgência de se ocupar um espaço e tempo específicos para essas práticas, para esses ensinamentos. Por essa razão é bastante pertinente seu pensamento que vale como sugestão para compor qualitativamente os planos de ação das escolas que ainda não despertaram para essa necessidade urgente de viabilizar tais espaços de convivência bem definidos para se conversar sobre o fenômeno religioso, sentimentos, cidadania e valores – as aulas de Ensino Religioso. Com essa pretensão, a

<sup>123</sup> ANTUNES, Celso. *O aluno, o professor, a escola: uma conversa sobre educação*/ Celso Antunes e Rubem Alves. 2. ed. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014. p. 17.

bibliografia de Alves pode ser assumida como uma valiosa contribuição para uma exigência crucial contida no parâmetro de Ensino Religioso que se vincula à interdisciplinaridade.

O conhecimento foi fragmentado em áreas tempos atrás. Achavam que isso facilitaria o trabalho da educação escolar. Mas, hoje, a reintegração dessas mesmas áreas de conhecimento é solicitação de ponta para a prática de um ensino que contribua para o desenvolvimento totalizador desse mesmo público-alvo. Apropriando-se dessa consciência, deseja-se citar algumas características contidas nas obras teológicas do autor que podem enriquecer os planejamentos que poderão ser colocados em prática naquele local privilegiado de se adquirir alguns tipos de conhecimentos, que é a sala de aula. A preocupação com os seres humanos e seus valores é algo que esse teólogo muito perseguiu. Em seu viver, tentou demonstrar que a propagação de uma fé fechada em si mesma pode distanciar-se da aplicabilidade dos valores humanos. Para ele, a fé deve estar prioritariamente, a serviço da prática da justiça social no mundo e na defesa dos valores humanos. Ele pôde argumentar sobre questões dessa natureza em muitos momentos. Ainda que procedente de um período anterior, o fragmento abaixo mostra um pouco de seu posicionamento quanto a isso.

A desumanização é uma consequência da privação do homem do natural, a humanização deve inseri-lo de novo nele. Mas, para ter sucesso neste plano, as presentes estruturas de 'Vida Reflexa' têm de ser destruídas. Uma mudança econômica deve ser feita para tornar a humanização uma realidade. A interpretação revolucionária de nossa situação e a qualidade de seu projeto podem ser resumidas nesta declaração: na realidade brasileira, a humanização depende da reintegração do homem ao contexto natural de sua vida. E esta reintegração depende da mudança qualitativa em nossas estruturas econômicas e políticas.<sup>124</sup>

Outro aspecto marcante na obra teológica de Alves é que muitos de seus pensamentos funcionaram como vanguarda e permanecem atuais, apesar de terem sido compostos há anos. Isso se deve ao seu esforço de tentar capturar e compreender as necessidades humanas em várias dimensões. O fragmento supracitado teve a intenção de comprovar bem essa característica.

Uma educação cidadã se preocupa em levar os educandos a conhecer, entre outras coisas, a história de seu país, suas lutas, conquistas e as injustiças cometidas no pretérito para que elas não se repitam. A mobilização para se levar a teoria e a prática alusivas às práticas dos direitos humanos para dentro das escolas precisa ser uma realidade. É questão

---

<sup>124</sup> ALVES, 1963, p. 53.

de cidadania e o Ensino Religioso tem grande responsabilidade em promover e/ou administrar situações em que esses valores possam ser mais contemplados – a escola deve funcionar como referencial oficial da prática desses valores.

O Ensino Religioso tem grande responsabilidade em promover e/ou administrar situações em que esses valores. Na literatura alvesiana está vinculado ao sentido de educar o objetivo de criar um modelo de convivência socialmente ideal longe de quaisquer efeitos discriminatórios que se remetam aos assuntos religiosos que ele considera como obstáculos que acentuam a escravização de consciências, levando-as a níveis desastrosos de alienação. Diante desse risco, ele alerta: ‘O escândalo começa quando a religião ousa transformar tal sentimento interior e subjetivo numa hipótese acerca do universo.’<sup>125</sup>

Outra percepção apurada que sua teologia possui é o senso de transitoriedade e dos acúmulos de materiais deixados por aqueles que vivem ou viveram pertencendo a um tipo de sociedade qualquer e que graças a imaginação produziram e produzem desde ferramentas úteis para a sobrevivência até poemas ou outra obra de arte que alimentam as pessoas com outro tipo de substância tão poderosa como o pão concreto que mata a fome do nosso corpo físico. Essas informações mostram o intercâmbio de gerações e o papel da educação na condução desses repasses. No seu entendimento,

A cultura, nome que se dá a esses mundos que os homens imaginam e constroem, só se inicia no momento em que o corpo deixa de dar ordens. Esta é a razão por que, diferentemente das larvas, abandonadas pela vespa-mãe, as crianças têm de ser educadas. É necessário que os mais velhos lhes ensinem como é o mundo. Não existe cultura sem educação.<sup>126</sup>

Os atuais parâmetros também reconhecem que pensamentos religiosos permitem que se tenham visões que possuam o poder de favorecer a noção de globalidade. Subestimá-los seria o mesmo que pisar numa das bases que fazem parte da história de mulheres e homens que ao tê-los conseguem integrar tudo o que há, como também, tentam nomear tudo aquilo que os transcende.<sup>127</sup>

Ao se percorrer a obra de Alves como um todo, nota-se que a imaginação é reconhecida como deveria: como o ponto onde se inicia qualquer trabalho criativo, qualquer possibilidade de produção humana. A religião também nasce graças a essa potencialidade de desejar criar o futuro.

<sup>125</sup> ALVES, 2000, p. 121.

<sup>126</sup> ALVES, 2000, p. 20.

<sup>127</sup> SILVA, 2004, p. 31.

Se o Ensino Religioso que se pretende transmitir nos anos finais do Ensino Fundamental investir mais no respeito às diferenças, no estímulo à imaginação, no estudo do fenômeno religioso, no desenvolvimento da cidadania e outros temas importantes para a formação dos adolescentes, certamente, a disciplina será mais compreendida, mais valorizada, pois o estudo da religião, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos funcionará como um espelho em que cada um poderá se enxergar. Aqui, a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso.<sup>128</sup>

Essas palavras reforçam o fato de que esse componente curricular, bem intencionado, bem articulado pelos docentes poder se transformar numa das portas de entrada daqueles saberes que fazem a diferença na vida pessoal dos indivíduos e na qualificação exigida pela sociedade organizada na atualidade, porque são saberes que poderão se tornar valores, que poderão preencher positivamente vidas, instituições e novas lacunas, que poderão fazer vibrar os jovens, principalmente, aqueles que estavam fadados a cometer delitos irreparáveis consigo mesmos e/ou nos meios socialmente povoados, como se tem verificado nas manchetes nacionais e internacionais, infelizmente. Conscientizar e valorizar os membros das instituições escolares públicas de suas responsabilidades enquanto integrantes de um setor que prepara pessoas é investir em ações que podem recuperar vidas, recuperar a imagem de um país que sofre de um mal aparentemente crônico que é a corrupção. Ensinar a se comportar, ter responsabilidades, ter perseverança, lutar por justiça, buscar a felicidade e ter esperança também é função da escola. Isso precisa ficar bem claro, senão a educação dada não terá força para enfrentar os embates vindouros, a luta de cada dia e nem terá sensibilidade para perceber e penetrar na beleza que se esconde em inúmeras situações que passam despercebidas para aqueles olhos que não foram suficientemente preparados para olhá-las.

Exige-se do professor de Ensino Religioso comprometimento e coragem para quebrar velhos paradigmas através de uma abertura permanente para o exercício do respeito à diversidade religiosa, principalmente, num país plural, nesse recorte, como é o caso do Brasil. Cooperação e diálogo devem funcionar como aqueles medicamentos ora preventivos, ora de pura necessidade imediata. As palavras de Zabatiero completam essa ideia assim: ‘A religião é um espaço possível de reconciliação dos inimigos. Reconciliar

---

<sup>128</sup> ALVES, 2000, p. 13.

não é unificar, reconciliar é possibilitar que pessoas diferentes e sonhos diferentes possam coexistir dentro de limites, à luz de critérios...'<sup>129</sup>

Reconhecer o Ensino Religioso Escolar como fonte para se obter informações seguras sobre a importância das religiões na cultura de diferentes povos, conhecer os motivos e a história da existência deles é abrir espaço para discutir e tentar remover os preconceitos que repousam em torno dessa temática e as produções alvesianas são abertas, multifacetadas quanto a essas necessidades. Metas básicas precisam se cumprir durante a elaboração e execução das atividades que deverão compor as aulas que sustentam essa disciplina que vez e outra precisa se reafirmar dentro de novos acordos constitucionais. Porém, independentemente dessas costuras políticas, o professor dessa disciplina precisa saber se posicionar, precisa estar ciente dos avanços conquistados em relação aos objetivos desse componente curricular, precisa tomar posse de sua condição estratégica no que tange às suas atribuições como profissional que é. Ele precisa estar atento às manobras impostas pelo sistema. Ele precisa informar seus alunos sobre o que acontece com sua área, com a política em vigor. Há a necessidade de dialogar com seus alunos e companheiros de área, sobre os porquês de tantas alianças. Enfim, ele precisa se lembrar que não pode nem deve sonegar informações prejudiciais aos educandos nem compactuar com retrocessos que estão na direção inversa em relação à conquista da liberdade de consciência. Oferecer aos estudantes orientações sobre assuntos que tenham relação com a realidade deles é um bom início de texto. Nesse quesito, Alves parece não enfrentar resistência. Suas produções acolhem temas e públicos bem diferenciados. Seu colocar teológico informa, orienta e surpreende porque ele parece conhecer partes do que pode conter no interior das pessoas. “O poeta, o guerreiro e o profeta” se revezam para tentar decifrar a alma humana.

Outra importância desse tipo de ensino que pode ser articulado aos conteúdos encontrados nas produções desse teólogo é que eles facilitam a interdisciplinaridade pelo estilo predominantemente informal que se apresentam, mas sem perder a profundidade – um registro marcante de sua teologia. O desafio de se trabalhar com a interdisciplinaridade deriva da má construção dos currículos que ainda não eram produzidos a fim de privilegiar o convívio mais direto entre as áreas, mas, na tendência atual, busca-se preparar os professores quanto a essa necessidade de integração e o Ensino Religioso tem grandes possibilidades de avançar e ajudar na concretização dessa interação capaz de despertar, se

---

<sup>129</sup> ZABATIERO, Júlio. Para uma teologia pública. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial. 2011, p. 166.

bem elaborada, maior interesse nas aulas e nos planos de ação das escolas que estão fazendo uso dessa estratégia que pode torná-las mais eficientes.

Ao retornar ao fio condutor que levou a sugerir esse modelo alternativo de se fazer teologia para servir de contribuição nas aulas de Ensino Religioso que trouxe, simultaneamente, um teólogo e um professor fascinados por religião e educação, surge a pergunta: onde se encontra um e onde se encontra o outro? O que há em comum nos dois? O perfil de sua teologia assume posições libertárias? Como ela pode influenciar os professores? E os educandos, como podem ser beneficiados com a mesma?

Meio a várias facetas que bem caracterizam a sua teologia, uma das que mais se tornou fruto de inspiração é a que se remete à sua valorização da vida atual. Ele aprendeu a viver o tempo presente valorizando-o como se valoriza uma valiosíssima obra de arte. Sua teologia transformou-se em gratidão explícita. Nada de cobranças, acordos, nada de promessas. Só agradecimento e aproveitamento conscientes do que foi recebido como dádiva. Sua ação insistente de quebrar verdades que foram colocadas como um ponto final em sua vida tornou-se constante. Com o passar dos anos, observou-se que essa foi uma de suas missões: no lugar das certezas, cultivar o mistério. O teólogo e o educador parecem ter se encontrado justamente aí. Ambos se conscientizaram de que viver é um grande processo e que por causa disso, a educação deve investir e apostar numa mudança de paradigmas que parta de seu próprio senso de controle interno. Ela deve oportunizar o diálogo com a sociedade e as lideranças externas, mas deve estar atenta para não se tornar refém de alianças que possam causar retrocessos na sua essência revolucionária de libertação. Esse trecho completará o que precisa ser colocado mais uma vez

A esperança é de que, distantes da pantomima do poder, os sonhos não tenham morrido. Como na estória da Bela Adormecida, eles dormem, mais profundos que pesadelos do cotidiano. E um dia acordarão. E o povo, possuído pela sua beleza esquecida, se transformará em guerreiro e se dedicará á única tarefa que vale a pena, que é a de transformar os sonhos em realidade. Essa é a única política que me fascina...<sup>130</sup>

Religião e linguagem se entrelaçaram para mostrar a relevância da religião na vida das pessoas e a escola destinada ao Ensino Fundamental é a responsável por elencar conteúdos que satisfaçam indivíduos em plena fase de formação de personalidade inseridos numa sociedade que espera se renovar a partir da chegada de jovens que combinam tipos diferenciados de competência. A tarefa não é simples, mas é possível. Vale lembrar que para tornar-se um sonho viável, deve-se recorrer novamente à imaginação e as obras

<sup>130</sup> ALVES, Rubem. *Conversas sobre política*. Campinas, SP: Verus, 2010, p. 45.

alvesianas trazem como um de suas marcas esse apego à importância da educação das sensibilidades, à valorização do processo criativo dos seres humanos. Em seus escritos, encontram-se caminhando em harmonia: política, educação, poesia e sabedoria. A imaginação não foi acionada ao acaso. Ela precisou ser procurada a partir das crescentes necessidades humanas. A educação, por sua vez, está cada vez mais comprometida com esse processo.

Essa receita extraída dos manuscritos de um homem que saiu do interior de Minas Gerais tem conteúdo. E não é um conteúdo qualquer. Talvez ela possa ajudar alguns professores a redescobrir a força da própria profissão e a beleza de terem optado por ela apesar do descaso daqueles que exercem o poder de uma forma desumana. A conexão entre religião, linguagem e educação no Brasil sempre esteve presente. Uma síntese realizada no início deste capítulo comprovou isso e mostrou evoluções. A teologia composta por Alves deslocou-se da razão e foi se transformando em sentimentos que ocuparam espaços que foram destinados à poesia. Enquanto muitos intelectuais parecem encontrar dificuldades para expressar suas esperanças religiosas, alguns conseguem romper certas barreiras para buscar a plenitude relativa enquanto vivem e escrevem sobre tais experiências. Perante tais acontecimentos: “... a literatura autobiográfica coloca em cena o campo existencial de um eu, que retoma, em última análise, determinados eventos que estão compreendidos entre o berço e os infinitesimais instantes que precedem o túmulo deste ou nele retratado.”<sup>131</sup>

Esta amostra significativa da obra teológica de Alves deseja funcionar como uma referência para os professores desses novos tempos. Suas experiências, seu histórico biográfico e bibliográfico garantem a sua permanência no universo educacional. São tantas as colaborações que chegam como sugestões simples, vindas a partir de suas ideias que se adicionará, agora, mais uma que tem consonância direta com os objetivos perseguidos nesta pesquisa:

Não seria possível que toda aula, de física, química, história, matemática, fosse iniciada com um poema ou um curto texto literário? Por que não? Antigamente as aulas em colégios católicos se iniciavam sempre rezando a ‘ave-maria’. Por que não rezar um poema? Todo poema é uma oração.<sup>132</sup>

A informalidade é outra característica contida em seu estilo de fazer teologia. Essa modalidade de linguagem bem característica das crônicas tem o poder de aproximar as

<sup>131</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 152.

<sup>132</sup> ALVES, 2013, p. 22.

peessoas, de fazê-las perceber que habitam o mesmo mundo, geralmente sofrem dos mesmos males e se alegram pelos mesmos motivos. Também a poesia que ele produziu em forma de verso ou prosa possui essa riqueza expressa. Terapia literária gratuita – uma sessão de psicanálise. Uma aula de literatura, filosofia, história. Suas produções conseguem abrir inúmeras possibilidades. É naturalmente interdisciplinar e isso a torna especial, didaticamente robusta em transversalidade, servindo para docentes e discentes interagirem com seu poder transformador, provocador. Como Antunes<sup>133</sup> bem destacou: ‘nossas escolas precisam de momentos específicos de reflexão para entender melhor um mundo inteiro que começa aqui bem dentro de nós.’ O que se deve aprender na escola mesmo? Para sermos mais específicos, o que se deve aprender no Ensino Fundamental que traz o Ensino Religioso como um de seus componentes?

O Ensino Fundamental constitui-se como etapa capaz de assegurar a cada um e a todos o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura imprescindíveis para o seu desenvolvimento pessoal e para a vida em sociedade, assim como os benefícios de uma formação comum, independentemente da grande diversidade da população escolar e das demandas sociais.<sup>134</sup>

Acesso ao conhecimento, acesso aos elementos da cultura. Por causa desses dois elementos que se completam, a escola deve funcionar como uma facilitadora desses dois pilares. Ela deve oferecer aos educandos oportunidade de crescimento intelectual e emocional e para que isso aconteça, ela deve acreditar que tem poder para isso. Seus profissionais precisam estar equipados emocionalmente para dinamizar o quanto antes uma postura que sirva de incentivo, de referência para aqueles que nela estudam com a expectativa de aprender lições que possam transformar positivamente suas vidas e consequentemente a vida das comunidades onde estão inseridos. Nesse sentido, o professor Rubem Alves com toda a sua experiência esclarece:

O sujeito da educação é o corpo porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver... ferramentas e brinquedos são asas. Ferramentas me permitem voar pelos caminhos do mundo. Brinquedos me permitem voar pelos caminhos da alma. Quem está aprendendo ferramentas e brinquedos está aprendendo liberdade, não fica violento. Fica alegre, vendo asas crescerem... Assim, todo professor, ao ensinar, teria que perguntar: isso que vou ensinar é ferramenta? É brinquedo? Se não for, é melhor deixar de lado.<sup>135</sup>

<sup>133</sup> ANTUNES, 2014, p. 17.

<sup>134</sup> Art 4º, Parágrafo único, Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010 . In JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Org.). Ensino Religioso no Brasil. Florianópolis: Insular. 2015, p. 110.

<sup>135</sup> ALVES, 2013, p. 95-96.

A cidadania daqueles que se propõe a trabalhar com a educação deve procurar ser mais visível. Pontos de referência devem ser mais visualizados. Estamos falando de jovens que precisam da escola pública para mudar seus destinos, propor mudanças, inclusive na política educacional, influenciar de forma decisiva as próximas gerações.

Analisar honestamente a situação brasileira é o primeiro passo para uma mudança de postura. Quem lida com a educação, lida com uma informação que, muitas vezes, torna-se ambígua quando não deveria se tornar. Quem educa, nutre uma expectativa de mudança e essa expectativa é que faz toda a diferença. Dialogar, expressar sentimentos, não ter receio de expor certas ideias, ouvir, interpretar, sorrir, trabalhar os sonhos dos alunos, refletir... são atribuições de um profissional da educação. Falar do Ensino Religioso nos anos finais do Ensino Fundamental num país chamado Brasil significa assumir e tentar mudar a imagem da escola brasileira também através dessa disciplina que graças a fatores já conhecidos resistiu ao tempo e, aos poucos, ganhou chão dentro da educação da rede pública, quebrando monopólios, fazendo a história caminhar, libertando consciências. O conteúdo e a metodologia do Ensino Religioso Escolar se preocupam em estudar o fenômeno religioso e trabalha de forma a facilitar a transmissão dos aspectos culturais e tradicionais das religiões; escrituras sagradas, tradições orais; Teologias, Ritos e Ethos ao longo de todos os nove anos destinados a tal modalidade de ensino. Trata-se de uma continuidade de ações que visam levar e preparar os alunos para valorizar sua própria experiência religiosa e respeitar as de outras pessoas, levando-se em conta a enorme riqueza que se apresenta contida na pluralidade religiosa que se apresenta no País.<sup>136</sup>

A grande proposta que se deseja cumprir deverá estar voltada para o conhecimento que parta da teoria para dinamizar tanto a sociedade, como o pedagógico do estudo da religião para a transformação do cidadão. Apresentar propostas de trabalho em sala de aula que simulem condições adversas para se estudar o comportamento dos alunos é uma excelente opção para obter pistas para a construção de estratégias que funcionem para lhes mobilizar a atenção. Essas situações-problema têm o poder de causar reações bem próximas daquelas ocorridas na realidade. É uma maneira promissora de colocar os educandos para pensar e isso exige que o professor utilize e valorize cada vez mais o método indutivo para estimular suas aulas, pois esse recurso faz com que todos os envolvidos em resolver o conflito instaurado partam das observações realizadas paulatinamente até se conseguir solucionar o problema colocado.

---

<sup>136</sup> JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Ensino religioso no Brasil. Florianópolis, SC: Insular, 2015, p. 96.

Na verdade, o que se precisa promover no desenvolvimento das potencialidades dos alunos não está armazenado apenas no território circunscrito pela razão. As emoções, as habilidades que se ligam às artes são geradoras naturais de criatividade, suas formas de expressão, a capacidade de se trabalhar em equipe, compartilhar, administrar diferenças é o que importa. Nessa via, 'o estudo da religião se torna uma via indispensável na tarefa de educar para a convivência universal, e mais, para a sobrevivência humana e ecológica em tempos de crise planetária.'<sup>137</sup>

A educação é uma área complexa por natureza, pois lida com o aperfeiçoamento integral de pessoas, sabendo que estas se formam entre muitos aspectos. Entre eles, há a presença do viés religioso. Antropologia em movimento. Estudar a mente humana para compreendê-la e transmitir conhecimentos, ouvi-la através de sua forma de se expressar diante da vida, das pessoas, dos lugares, das produções que realizam. Ela deve ter como meta final transcender aquela formação dos outros tempos e tentar atingir os sonhos, os projetos pessoais das pessoas, fazendo-as realizadas, portadoras de um espírito benevolente que, às vezes, pode até oscilar, mas que foi preparada para arrumar meios para se superar depois. A religião deve ser tratada como um objeto de estudo importante para o setor educacional.

Baseando-se no que a história informa, à medida que aumenta a participação popular, vão surgindo os ideais de uma educação pública que busque a formação e o aperfeiçoamento das potencialidades humanas, independentemente de qualquer posição ocupada na escala social ou econômica por esses indivíduos. Viu-se, anteriormente, que desde o advento da Proclamação da República, há um reconhecimento oficial da necessidade de democratizar o ensino, como condição prévia para a efetivação dos direitos fundamentais do homem e a prática da cidadania. No entanto, com anos de República, observa-se que a cobrança da instrução elementar oferecida pela modalidade denominada de Ensino Fundamental - curso de caráter obrigatório e gratuito não atende ainda as expectativas daqueles que mais precisam desse modelo de ensino. Precisam-se recuperar mais as intenções e gestos passados que reivindicavam uma escola cidadã de verdade. Nesses termos, o Ensino Religioso

pode oferecer elementos que, pedagogicamente, contribuem com a convivência social, pois o estudante vai contar com instrumentos analíticos que possibilitam o

---

<sup>137</sup> PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 125.

discernimento dos comportamentos e da função da religião na sociedade e em suas próprias ações como cidadãos.<sup>138</sup>

Precisa-se lembrar dessas mudanças lembrando-se da linguagem atual da humanização. Verifica-se que ela só se materializará e renderá frutos se for encaminhada por aqueles que já percebem o mundo como um local destinado ao desenvolvimento e aperfeiçoamento dos mais nobres dos sentimentos. Tal linguagem só terá sentido se utilizada na travessia, no caminho onde o ser humano se encontra, no instante que se vive... Por causa disso, Alves acostumou a dizer que:

A linguagem do humanismo político é a linguagem da esperança. Ela nega, mas não permanece negativa. Olha para o futuro e ama as possibilidades que poderiam tornar-se históricas se o homem aceitasse o desafio de converter-se no criador da história.<sup>139</sup>

### 3.3.2 *Uma posição de vanguarda*

Alves escreve com um idealismo, uma elegância e uma esperança que, às vezes, revezam-se e, em outras vezes, completam-se para exteriorizar seus pensamentos. Através de sua produção literária, ele começou a perceber mais a vida e os conflitos existentes nela e seu interesse pelos seres humanos continuava a crescer e se mostrar nas crônicas e poesias direcionadas a Deus, fruto de uma intimidade conquistada não com facilidade, mas com as dificuldades trazidas pelo tempo transcorrido e as cicatrizes deixadas parecem ter se transformado enquanto seu fazer poético se concretizava. Por ter sido assim, suas obras adquiriram uma espécie de força reflexiva indicada também para entrar nas escolas e permanecer. Elas têm dimensões libertárias e humanistas - ingredientes essenciais para se trabalhar nas aulas de Ensino Religioso, como também, nas demais áreas de conhecimento. Seus pontos de vista poderão ser levantados, retomados, discutidos e refletidos por professores e alunos em doses que devem variar de acordo com o perfil de cada grupo de adolescentes que se desejar atingir.

A escola deve reivindicar um espaço temático planejado para se tratar de temas alusivos às carências dos educandos que preenchem a faixa etária localizada nos terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, pois, nesse local, as questões que estiverem mobilizando os interesses desses alunos deverão ser discutidas e compartilhadas. Muitas das produções de Alves podem ajudar no que se refira às questões alusivas à cidadania,

<sup>138</sup> PASSOS, 2004, p. 20-21.

<sup>139</sup> ALVES, 2012, p. 60-61.

desenvolvimento e entendimento da linguagem religiosa com todas as suas faces e pontos de partilhamento, valorização da vida e das manifestações artísticas.

O que precisa ficar claro é que uma das funções da escola é proporcionar momentos de reflexão de qualidade diferenciada comparados a outras ocasiões. A escola que se deseja busca um tipo de reafirmação de valores e projetos que abasteçam os mais diversos sonhos dos educandos para que eles percebam que estão sendo cuidados por uma instituição que prima pelo bem-estar de seus estudantes em inúmeros aspectos. Se eles – os alunos conseguirem notar isso, tudo ficará mais fácil e a educação prevista irá fluir com espontaneidade gerando prazer em aprender e ensinar, porque, numa escola, as trocas são intensificadas se há comprometimento com o foco no aluno, nas suas necessidades latentes. Ao ir por essa direção, constata-se que,

O convívio com a diferença é importante para a percepção de que ser diferente e ter opções diferentes não é problema, é peculiaridade da espécie humana. Esse convívio também contribui para a percepção de que não é necessário ser sempre do mesmo modo: as pessoas mudam, constroem novos valores, assumem novas atitudes e desenvolvem novas relações. Ampliar esse espaço, ultrapassando os muros escolares, o bairro, a cidade, possibilita a visualização das multiplicidades de ser e estar, ampliando as alternativas para identificação e elaboração de projetos de vida.<sup>140</sup>

A intenção da educação contemporânea é levar aos educandos a percepção de que todos têm o direito de conviver com suas peculiaridades, com seus projetos, com suas imperfeições e virtudes buscando espaços alternativos para que mudanças positivas aconteçam enquanto se estuda e se vive. Referindo-se diretamente a esse pensamento, vale salientar que o entendimento da concepção da educação precisa ser visto e compreendido como um processo. Alguns bons resultados poderão ser colhidos imediatamente, mas outros dependem de um pouco mais de tempo para serem coletados.

Numa perspectiva de uma pedagogia humanista, renovada, essa continuidade da aprendizagem parte daquele que deseja e tem urgência em aprender coisas que trarão benefícios para sua vida, compreendendo-o como um ser que respira livremente. É participativo, sociável e curioso. Esses são os adjetivos, as características que o educador deve perseguir para conseguir realizar um trabalho positivo com seus educandos. A responsabilidade por esse crescimento, porém, é do próprio aluno, mas a educação tem como finalidade básica criar as condições favoráveis para que essa aprendizagem ocorra. Daí, o objetivo básico da educação é liberar a capacidade dos seres humanos para o seu trabalho individual de aprender de forma autônoma. Para que isso tenha maiores chances

<sup>140</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1998, p. 128.

de acontecer, o encantamento na sala de aula precisa existir. As obras produzidas por Aves abrem essas opções



## CONCLUSÃO

Após percorrer os manuais que tratam do Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras e tecer uma leitura das principais obras teológicas de Rubem Alves tentando relacionar seus conteúdos com os objetivos do Ensino Religioso, percebeu-se que entre ambos há pontos em comum que merecem ser explorados pelas escolas responsáveis pelo Ensino Fundamental. São eles: as lições de cidadania; a busca por um exercício vivo de uma fé operária; a preocupação de falar e escrever sobre a beleza deste mundo para que todos possam aprender a apreciá-la e se abastecer internamente com essas visões; a preocupação de alertar sobre as reservas de trabalho em benefício dos carentes, dos oprimidos, deprimidos e esquecidos pelo sistema e, principalmente, a maneira de entender a religião como a linguagem da esperança humana, a linguagem dos sentimentos mais profundos. Nos textos visitados, há sempre uma súplica, um manifesto de gratidão, um ponto obscuro que procura claridade, uma palavra que acorda.

Se as aulas desse componente curricular não servirem para levar os educandos a alcançar novos conhecimentos e discutir ideias, ela viverá como um peso morto que se deixa manipular por aqueles que ainda não enxergam o que precisa ser visto. O desafio de se trabalhar bem essa disciplina é grande, é repleto de complexidade e incertezas, mas será preciso avançar na busca de sugestões enriquecedoras como esta que se apresentou aqui. Alves desenvolveu uma maneira alternativa de comunicar sobre as questões religiosas através de suas teopoesias e, além disso, ele possui obras orgânicas que ativam reflexões a respeito de temas ligados à religião, à religiosidade e à espiritualidade. O respeito e o valor que ele destinou a essa temática vão, predominantemente, ao encontro daquilo que os professores da área necessitam refletir. Pois,

O Ensino Religioso assumido como tarefa epistemológica remete sua fundamentação para o âmbito das ciências e de seu ensino nas escolas. A cidadania oferecida pela educação será verdadeira na medida da sua autonomia crítica e criativa para fazer e refazer a sociedade. O profissional cidadão não é um mero executor técnico de padrões preestabelecidos pelo mercado, mas um sujeito capaz de agir em sociedade com consciência de si e do mundo e de sua missão enquanto parte de um todo.<sup>141</sup>

Um homem, seus enfrentamentos, perseguições, com coragem para mudar; com uma preocupação ideológica que se iniciou no passado e transformou-se numa obra de interesse histórico, organizada para analisar teologicamente os bastidores do Golpe de

---

<sup>141</sup> PASSOS, 2004, p. 36-41.

1964 no Brasil indo até a fina utilização da linguagem poética exaltando a beleza “da face visível de Deus” em suas composições, possui grandes possibilidades de provocar importantes análises sobre temas que possuam poderes de chegar ao coração, tendo como meta libertar consciências, ativar responsabilidades e ensinar a ver e valorizar todas as formas de vida. Reconhece-se que a obra teológica pesquisada merece ser mais explorada pela riqueza que traz. O resultado alcançado, entretanto, procurou servir de amostra para indicar alguns caminhos, algumas possibilidades reais de sua aplicabilidade no universo educacional do Ensino Fundamental através da apreciação de algumas de suas ideias voltadas para o tema que abriga as questões religiosas.

O que mais impressionou nesse contato mais direto com sua teologia foi a capacidade que Alves teve de conhecer pensamentos filosóficos e religiosos tão distintos, refletir publicamente sobre eles, absorvendo apenas aquilo que a razão permitia que fosse assimilado. Sua teologia está a serviço de uma esperança contagiante que foi fortalecida enquanto ele vivia seus dias e escrevia a sua biografia. Outro fator que chama a atenção é sua coerência intelectual sempre em movimento: a preocupação que tinha em revisar conceitos, ampliar pensamentos e assumir as suas mudanças internas, sem temer as críticas que poderiam afastá-lo de suas análises e de sua forma de fazer teologia.

O Ensino Religioso precisa contar com materiais que ativem tudo o que envolve essa busca do ser humano por aquilo que lhe falta, aquilo que faz com que ele se sinta incompleto e por conhecimentos que o ajudem na valorização desse processo e esse teólogo brasileiro parece já ter dado alguns passos à frente nesse sentido. Sua teologia é um campo aberto, mas saturado de sentido. Sua concepção de Deus não se enquadra na linguagem referencial. Vai muito além dela chegando à linguagem literária que é subjetiva por natureza.

Para um professor trabalhar a ideia sobre o conceito de Deus, a liberdade de consciência precisa ser respeitada, os direitos e deveres para que isso aconteça são garantidos por lei e aparecem durante um compartilhamento de ideias, a questão dos valores humanos também e o Ensino Religioso passa a ter significado na vida do aluno, passa a ser mais valorizado como área de conhecimento que é. Esse estudante adolescente passa a observar a relação existente entre sua vida e esses ensinamentos.

A teologia através da poesia. Outras vezes, partindo de suas obras orgânicas que contemplam o que os parâmetros exigem: conhecimento do fenômeno religioso, utilização contínua da busca por liberdade de consciência, estímulo à prática dos valores humanos, preocupação com a situação ecológica, com a educação. Todas essas peças aparecem e se

conectam na teologia em análise. Ela possui essa característica capaz de desencadear um ensino preocupado em cativar, em provocar, em humanizar, em integrar pessoas e conhecimentos. Por essas razões, a obra alvesiana se encaixa com perfeição no perfil de universo educacional almejado para o Ensino Religioso – ela traz ao tempo presente toda a intensidade que lhe convém.

Muitos profissionais da educação ignoram a existência dessa teologia e desconhecem que ela vai ao encontro de muitos anseios humanos e propósitos defendidos pelo Ensino Religioso. A ideia de apresentá-la aos professores poderá levar a uma mudança substancial em relação às suas práticas pedagógicas futuras – tais obras possuem conteúdo para realizar isso.

Ao reler a primeira obra teológica de Alves que se teve em mãos – *O que é religião?* pensou-se nos colegas professores e ao terminá-la, sentiu-se que a mesma possui realmente um caráter altamente didático para iniciar certas reflexões relacionadas ao tema exposto, pois, no final, deixa em aberto algumas posições que, se dentro de um Ensino Religioso confessional, dificilmente poderia render boas lições. Mas os tempos são outros. Precisa-se lembrar sempre que o tempo não é estático e a linguagem do humanismo é cada vez mais urgente. Ela precisa ser utilizada em tempo real, no caminho onde o ser humano se encontra, no instante que se vive.

## REFERÊNCIA

- ALVES, Rubem. *Cenas da vida*. Campinas: Papirus, 1997.
- ALVES, Rubem. *Conversas sobre política*. Campinas: Verus, 2010.
- ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo: meditações*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1984.
- ALVES, Rubem (Org.). *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana, 1985.
- ALVES, Rubem. *Do universo à jabuticaba*. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2015.
- ALVES, Rubem. *Lições do velho professor*. Campinas: Papirus, 2013.
- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1984.
- ALVES, Rubem. *O que é religião?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- ALVES, Rubem. O poeta, o guerreiro e o profeta. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ALVES, Rubem. *O velho que acordou menino*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.
- ALVES, Rubem. *Pai Nosso*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. 4. ed. Campinas: Verus, 2002.
- ALVES, Rubem. *Um ipê-amarelo, uma paineira-branca: poemas encontrados na prosa de Rubem Alves*. Americana, SP: Adonis, 2014.
- ALVES, Rubem. *Teologia da Libertação em suas origens: uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil – 1963*. Vitória: IFTAV/Unisaes, 2004.
- ANTUNES, Celso; ALVES, Rubem. *O aluno, o professor, a escola: uma conversa sobre educação*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil de 1824*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.
- BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1937*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1946*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1967*. Disponível em: <[http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao67.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <[http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao88.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao88.htm)>. Acesso em: 11 dez. 2016.

CARNIATO, Maria Inês. *A religião no mundo*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. São Paulo: Papyrus, 2005.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1999.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MATTA, Sozângela Schemim. *Linguagem e interação*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *Religião, espetáculo e intimidade: múltiplos olhares*. Goiânia: editora da PUC. Goiás, 2014.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. (Org.). *Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.

NUNES, Antônio Vidal. *A ciência e o homem no pensamento de Farias Brito e Rubem Alves*. Vitória: EDUFES, 2007.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1987.

ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PIETRI, Émerson de. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

ROCHA, Alessandro. *Celebração dos sentidos: itinerário para uma espiritualidade integradora*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SCARDINO, Rafaela. *Movimentos de demolição: deslocamentos, identidades e literatura*. Vitória: EDUFES, 2011.

SILVA, da Valmor. (Org.). *Ensino religioso: educação centrada na vida: subsídio para a formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. *Bíblia, Literatura e Linguagem*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

ZABATIERO, Júlio. *Para uma teologia pública*. 2.ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991.

